

radida por um grande exercito portuguez que a to-
mou e saqueou. ⁽¹⁾

«Parar em Beuta era Louco» ⁽²⁾ e comeca entao a
circundar a Africa, em busca da India.

Atencia das viagens maritimas dos portuguezes,
sabe-se que ja em tempo de Affonso IV alguns aventure-
reiros se abalancaram ao mar e este hoje averiguado
que foram estes que primeiro descobriram a Madeira,
as Canarias e algumas ilhas dos Azores.

Só com D. Henrique, no seculo XV é que comeca
o verdadeiro periodo dos descubrimentos; e dobrados
os cabos São e Bojador, as duas balizas terriveis da
idade-media, comecam os navegadores a explorar to-
da a costa africana, até que Bartholomeu Dias vai pe-
la primeira vez perturbar o gigante Adamastor que
aferar do, que disseu muitos honras de sciencia con-
temporaneos, era a primeira vez que via o seu territó-
rio pulcado por navios.

Sete annos depois é que Vasco da Gama realisa a
immortal viagem que abriu as portas da India e fu-
nha que ostentamente e admirada seguiu as nossas
viagens. ⁽³⁾

Comeca entao com esta viagem, um novo perio-
do: o periodo das aventuras na India, não inferio-
res ás maritimas.

(1) a 21 de agosto de 1415

(2) Latino Coelho: Vasco da Gama, I, 31.

(3) a 20 de maio de 1498.

A viagem de Vasco da Gama é, inequivocamente, a mais extraordinária aventura marítima dos tempos modernos; se a compararmos com a de Colombo, como já tenho visto, havemos de lhe achar grande diferença. Porque, como sempre se tem dito, Colombo descobriu o continente americano, o que não é verdade.

Gama descobriu realmente o caminho para as Índias e Colombo já sabia o caminho para a América, porque navegadores mais audazes do que elle o tinham já descoberto.

Já trinta annos antes Gaspar Corte-Real tinha descoberto a Terra Nova, descoberta que os francezes dizem que foi feita por Cabot muitos annos depois!

E, segundo o testemunho de muitos escriptores, entre elles um herdeiro chamado Garcilasso de la Vega, foram portugueses provavelmente dos Açores ou da Madeira que primeiro abandaram ao continente americano.

Sloje, sabe-se que Colombo, quando residia nos Açores, tomou conhecimento com varios pilotos portugueses, chegando a casa com a filha de um d'elles chamado Perestrello que lhe deixou muitas cartas e estudos geographicos e cosmographicos. Um outro piloto, Affonso Sanchez, tambem das relações de Colombo, confiou-lhe o segredo de que nemna das suas viagens para o occidente, encontrou um continente desconhecido, de vegetação luxuriantissima, com animaes differentes dos da Europa, dando-lhe,

quando morreu, o Poteiro de seus dias viagens. Tinha
João Colombo a certeza da existência de uma terra za-
ra o occidente que talvez julgasse, como parece que
julgou, que era o Indis.

Porém, João, para a Europa convencido do éxito
da empreza que pretendia realizar. Offereceu os seus
serviços a Portugal que os recusou; então para a Ita-
lia e Inglaterra que o receberam de maneira
Só no Hespanha, em Fernando e Isabel encontra o
desejado auxilio; e tão convencido estava do que ia
fazer que não deu da, em Junho de 1492 partiu a
uma sexta-feira de agosto, do Porto de Palos para
descobrir novos mundos!

Além disto, um notavel geographo brasileiro, descu-
briu um testamento de um português, feito em 1515,
no qual declara achar-se em S. Paulo (Brasil) desde
1490, quatro annos antes da primeira viagem de
Colombo.

São, estes argumentos, demonstrando a priori
dade das viagens portuguesas á America, não af-
mas accites em Portugal; no estrangeiro ainda
Colombo é um homem extraordinario e o descubri-
ta da America muito superior á viagem de Vasco de
Gama. Mas parece-me que os factos que citei são
bastantes para fazer baixar muito a gloria super-
ficial de Christovão Colombo.

Voltando a Portugal, varios depois do facto de Vas-
co de Gama, começaram as aventuras guerreiras
no Malabar, tendo como muito mais paciente a

Duarte Pacheco; vemos a grande ideia do ingenio Fernigues na Asia em Albuquerque e D. Francisco d'Almeida; vemos resistencias heroicas como a de Antonio da Silveira em Dien; e outros feitos eficos de que as nossas chronicas estao cheias.

Ferreu Jois os descubrimentos Fernigueses uma gloriosa causa para o desenvolvimento da Navegacao.

D. Henrique fundara em Sagres um observatorio e uma escola onde se estudava geographia e cosmographia; e, dando impulso a navegacao comecou-se a estudar as terras descobertas, as plantas, a fauna, e fazereu-se cartas, etc. Foi neste tempo, tambem, que foi aperfeicoada a bussola, instrumento ja usado pelos arabes.

Depois, com a abertura do caminho das Indias, a industria teve os elementos necessarios para o seu aperfeicoamento; e as riquezas que vinham do oriente, desembarcando em Lisboa, vinham trazer elementos das outras civilisacoes e em breve esta cidade se tornou uma das mais esplendidas da Europa; tirando a gloria a Venezia e rivalizando com a gloriosa Tyro.

Para a botanica e zoologia, as descobertas abriram largo campo para ellas se enriquecerem, apresentando novos fructos, uma fauna completamente nova, com que estas sciencias foram successivamente augmentadas.

Ferreu tambem a causa de existencia dos nossos grandes chronistas Joao de Barros, Diogo do

Conto e Gargen barria, e do mais efico dos tempos modernos — o imortal Gauss.

Tambem influenciou bastante no movimento da Renascença a descoberta da pólvora.

Como seus descubridores citam-se tres nomes: Roger Bacon (1220) Alberto o Grande (1280) e Schwartz (1320). Parece, porém, que já alguns seculos antes de Christo era conhecida na China e usada tambem pelos arabes.

Esta descoberta alterou muito a arte da guerra; acabou com os combates corpo a corpo para começar com outros dispositivos e outro modo de combater.

Foi tambem no seculo XIV que em Portugal se formou o fuzil quadrado. Esta descoberta é devida a Alon' Alvarez e deu-lhe os melhores resultados nos ataques contra a engenharia e a infantaria castelhana.

Em Portugal só foram conhecidas as fuzilhas de artillaria, que antes se chamavam trous, em Aljubarrota.

Uma outra causa importante da Renascença foi a creação das universidades.

As mais antigas são as de Paris (1200) Montpelier, Bolonha e Salamanca. Foram, e comprehendendo-se bem, uma das causas do grande movimento.

Começou-se a estudar nellas o direito romano que era o guia para as leis de de muitos paizes. De-

penholeram muito as letras e estudaram attentamente a litteratura classica.

O numero das universidades na Europa deprehendeu augmento. Em Portugal foi creada uma em 1290 por D. Diniz. Começou com o nome de Estudo geral e foi primeiramente fundada em Lisboa e depois de uma serie de mudanças fixou-se definitivamente em Coimbra, onde hoje existe.

A Italia tornou-se, desde o começo do seculo XIV o centro e o foco de todo o movimento.

Com a protecção dos Pontifices e das casas reinantes, as letras e as artes foram elevadas ao maior brilho. Como já disse, os sabios de Constantinopla esculharam e introduziram o gosto pela litteratura arabe e os escriptores gregos e latinos eram lidos com interesse.

Dos eruditos que se dedicaram ao estudo das litteraturas classicas distinguem-se Macchiaveli e Sannazaro.

A poesia epica tem como representantes neste periodo a Tasso, Ariosto e Trissino, autores da «Gerusalemme» do «Orlando furioso» e da «Italia liberata.»

E' grande a gloria das artes que a Italia mais se distingue neste periodo. Começou-se entao o estylo renascença que começou nos fins do seculo XV e que durou até ao seculo XVII. Foi entao que floresceram os grandes artistas como Miguel Angelo, Raffaello e Leonardo da Vinci.

Grandes protectores das artes eram os papas. Formaram-se notáveis, além doutros, Leão X, Julio II e Paulo III (o Papa que largamente estabeleceu a Inquisição em Portugal). Estes, vivendo « mais como fidalgos ga-
"lantes do que como príncipes da Igreja »⁽¹⁾ ligavam muita mais attenção ao movimento artistico e litterario do que a qualquer questão ecclesiastica.

A pintura floresceu muito: são celebres os quadros « Juiz final » e « Virgem do cadeiro » e a « Basia do Senhor ». A escultura tambem floresceu: é deste tempo o celebre « Judith » de Miguel Angelo.

Formaram-se neste periodo, na Italia, cinco escolas de pintura: a florantina de Miguel Angelo; a lombarda de Leonardo de Vinci; a romana de Raphael; a veneziana de Tintoretto e Veronese; e a de Bolonha de Carache: As tres primeiras são as ginezias; as duas ultimas foram estabelecidas no fim do seculo XVI.

As scenas dos quadros da renascença italiana são geralmente tiradas á historia pagada ou á mythologia greco-romana; e geralmente as figuras que entram nos quadros são representadas com fatos algumas vezes do tempo dos pintores.

A escultura teve como principal representante a Miguel Angelo que além de pintar e escultor era tambem architecto. Foi elle quem pintou a capella pictura da basilica de S. Pedro, templo renascença.

⁽¹⁾ Courigliani Pedroso: Manual de Hist. universal, 293.

o Portugal, o movimento tambem chegou, ainda que tarde.

Na litteratura temos como principaes nomes Luis de Camões, Sá de Miranda e Antonio Ferreira.

Nas artes o movimento não é muito notavel. Portugal cahiu em grande atrasado; o estylo renascentista só apparece no seculo XVI com D. Manuel que mandou vir artistas estrangeiros principalmente Italianos.

Neste mesmo seculo, no XVI, apparece um outro estylo, o manuelino.

Diz-se que este estylo era criação Portugueza; e hoje, o Sr. Joaquin de Vasconcellos demonstrou que o estylo manuelino era uma modificação do gotico, ou antes o gotico com umas outras ornamentações. Este estylo não é só característico em Portugal; é o tambem em toda a península.

Como exemplares do estylo renascentista, em Portugal, citamos em Coimbra a fachada do mosteiro de S. Cruz, o gurgite do mesmo mosteiro, a fachada lateral da Sé Velha e o convento de S. Marcos em S. Silvestre.

No estylo manuelino, o principal monumento é o convento dos Jeronymos, em Belem; em Coimbra ha o gurgite de D. D. de Sub. rizes.

Quanto á pintura, não se sabe hoje, ao certo, o desenvolvimento que teve.

Ha em Vizeu uns quadros renascentistas, attribuidos a Grão-Vasco; e é hoje problema se existiu algum pintor com este nome ou se é nome que ainda li-

gado é formação dos quadros.

Na litteratura, como principal monumento não só deste período, mas de toda a Renascença e dos tempos modernos, temos em Portugal a sublime epopéia de Camões, a epopéia nacional.

Os Lusiadas são, bem o podemos dizer, e sem receio de errar, a maior epopéia das modernas edades.

Não é esta epopéia como as outras, de assumpto escolhido na ambiguidade e feito só com o fim de engrandecer o autor e sem caracter nacional e patriótico; a epopéia de Camões é « a própria vida nacional na sua phase mais gloriosa e radiante »

A Enxada vai buscar o seu heroe ás Janagens mythologicas e obscuras de Troia; a Italia liberata; ás guerras contra os barbaros na Italia, a Belizario; mas Camões tem por heroe o homem e o povo mais heroico que com as suas façanhas fez esquecer as da antiguidade. Camões cantou o grande Vasco da Gama e o famoso povo que ousadamente descobriam quasi todo o mundo desconhecido, a nação que levou ás mais remotas Janagens o estandarte das quinas tão enobrecido já pelos seus antepassados e que já tinha em si o nome de Aljubarrota e Ourique.

A Enxada e a Italia de Trissino, celebram feitos estranhos ao tempo em que foram feitos; feitos sem obscuros e duvidosos, outros completamente indifferentes da epopéia dos poetas.

⁽¹⁾ Latino Coelho: Luis de Camões, 277.

Com as Lusiadas, Janes, nada disto succede. Camões cantou a sua glória, cantou um facto seu exemplo que ainda estava no espirito de todos os portuguezes; Camões enfim, era « a musa glorificada »⁽¹⁾

Mas infelizmente os Lusiadas foram como diz o escriptor Latino Coelho « o antecigado gurgelico proferido nas obsequias solennissimas de um heroe. Era a commemoração das suas glorias no momento em que ellas se iam acercando de volver-se em fumo e illusões e ironias do futuro »⁽²⁾

Na França o movimento foi grande.

A litteratura floresceu com Montaigne, Rabelais, Ronsard e Marot.

Francisco I foi grande protector da Renascença e dava grande apoio ás letras e sciencias.

Sua irmã Margarida de Navarra além de ser tambem protectora das letras era escriptora. Escreveu o Heptameron.

A pintura teve pouca importancia. Os mais notaveis pintores deste tempo são: Poussin, Lorrain, e Philippe de Champagne.

Na Hespanha começou a Renascença só no século XVII e apparece antes o D. Lujote de Beruantes que ficou sendo uma obra prima hespanhola.

(1) Latino Coelho: Ob. cit.², 277

(2) Ob. cit.² - 258.

Na poesia distinguio-se Calderon, Lope de la Vega (na poesia dramatica) Góngora (o fundador da escola gongonica) e Lope de Vega.

A pintura, representada principalmente por Murillo, Velasquez e Ribera, só apparece tambem no seculo XVII.

Nos Paizes-Baixos tornaram-se notaveis os pintores. Neste paiz crearam-se duas escolas: a hollandesa e a flamenga.

Esta ultima representa nos seus quadros quasi sempre scenas tiradas da religião christã ou da faga; e como nos italianos, as figuras são geralmente vestidas á moda do tempo do pintor.

A hollandesa representa geralmente paisagens e scenas de familia.

O maior pintor da escola flamenga foi Rubens; e o da hollandesa foi Rembrandt.

Na Inglaterra só chegou o movimento do renascimento no fim do seculo XVI, distinguindo-se Shakespeare no drama e na tragedia.

No fim do seculo XVI, quando a Renascença estava no seu auge, apparece Lutero á frente de um partido, protestando contra os costumes da Igreja e em guerra declarada aos Papas.

Estes praticavam muitos abusos e não ligavam a importancia devida ás questões da Igreja e d'aqui

veio a causa de Lutero começar, com a Reforma, uma grande guerra aos Papas.

Ha escriptores que são de opinião que a Reforma contribuiu para a Renascença.

Isto, porém, não parece muito exato. A Renascença estava já no seu auge e as causas determinantes já effectuadas. Depois, em um país onde haja guerras, e guerras sanguinarias e de extermínio como eram estas, comprehende-se facilmente que os estudos litterarios e artisticos não podiam progredir.

Tudo nos leva a crer, pois, que a Reforma não auxiliou a Renascença, mas até, talvez, servisse para afegsar, em alguns países, a sua decadencia.

Fica pois exposto, em resumo, o que foi a Renascença e suas causas principais, uma das quaes é devida aos fanatismos que poubaram conquistam lugar benévolo no desenvolvimento de um dos períodos mais notaveis da Europa nos tempos modernos.

Coimbra = 8 de abril de 1897

Camões

É ainda hoje incerto o anno e incerta a terra em que nasceu Luis de Camões.

O anno do nascimento é, segundo o licenciado Manuel Corneia, o de 1517; e segundo Faria e Sousa o de 1524. Este ultimo funda-se num registo da Casa da India, que elle encontrou, e em que estavam inscriptos os soldados que iam servir para a India. Porém o anno de 1524 não é ainda muito certo.

Estabeleceram-se quatro terras como sendo a patria do grande epico: Lisboa, Coimbra, Santarem e Alenquer. Os biographos que dizem que foi em Coimbra ou em Santarem ou em Alenquer fundam-se em referencias de Camões nos Lusiadas ou nalguns sonetos e canções, referencias todas vagas e vagas quasi nada se pode tomar como positivo.

Faria e Sousa diz, e é a opinião mais seguida que foi em Lisboa que Camões nasceu.

Camões era filho de Simão Vaz de Camões e de D.

de Maria de Sá e Macedo. Descendia do trovador gallego Vasco Pires de Camões.

Quanto aos seus estudos, tudo é vago e incerto. Diz-se que estudou na Universidade de Coimbra, fundando-se na erudição que mostra nos Lusiadas e nas outras composições. Parece nada se de positivo acerca destes estudos na Universidade.

Que elle esteve em Coimbra uma parte da sua mocidade é certo e é também certo que tenha grandes estudos e conhecimentos de todos os ramos de sciencia e litteratura contemporaneas; mas que esses conhecimentos fossem adquiridos na Universidade ou no mosteiro de Santo Cruz não se pôde afirmar como certo.

Além disto, Camões, com o seu genio aventureiro e indisciplinado não se domava facilmente á disciplina e methodo d'uma carreira regular. Assim como Boscage era um « espinho inquieto, sedento d' amor e d'aventuras »⁽¹⁾ e indisciplinavel.

Depois da sua residencia em Coimbra, ainda parece que teve amores com uma donzella cujo nome se ignora, Camões foi para Lisboa, onde pelas suas gozarias e boaz fizes, começou a ser estimado pela corte principalmente pela « hermosura, porque fue muy estimado e favorecido pelas damas » como diz Faria y Sousa.

Foi tambem que se apaixonou pela dama D. Catharina de Athaide, amores que, segundo um soneto

⁽¹⁾ Latino Coelho: Luis de Camões, 48

seu, começaram em sexta-feira de Jaxão, nem se sabe
 ja. Quiz o acaso que houvesse nesse tempo tres damas
 da rainha com o nome de Catharina de Athayde; de
 modo que hoje não se sabe ao certo qual dellas era a
citada. Uma, era filha de D. Antonio de Lima; en-
 tra de D. Alvaro de Sousa; e a terceira de D. Francisco do
 Gama, almirante das Indias.

Faris y Sousa inclina-se mais para a filha de D.
 Antonio de Lima não afirmando, contudo.

O que se sabe é que foi uma dama deste nome que
 lhe inspirou quasi todas as suas melhores poesias e
 parece que a causa do seu desberio para Saubarem.

Voltaudo daqui para a côrte, o seu genio aventurei-
 roso leva-o a ir militar em Africa. Faris y Sousa
 diz que Camões tivera o seu pai como companheiro duran-
 te as guerras: «dizeu las relaciones que el poeta Je-
 leava al lado de seu padre.» Foi aqui, em Africa,
 que perdeu o olho direito num combate com os mussul-
 manos.

Em 1549 voltou Camões a Lisboa, tendo quando
 alistou-se como soldado para a India e Arabia na ar-
 mada de D. Affonso de Albuquerque em 1550, mas só Arabia
 tres annos depois. Não se sabe o motivo da demora
 assim como se ignora a vida do poeta durante este
 periodo.

Alguns se sabe que num dia de procissão de "Cor-
 ço de Deus" se envolveu num desorden e que feriu
 Gonçalo Borges da casa real. Camões foi preso e só
 foi posto em liberdade por carta regia de 7 de março

de 1553. Livre, resolveu ir-se para a Índia, para onde
partiu na nave S. Bento que fazia parte da armada de
Fernão Alvarés Cabral.

Entrou em Goa depois de uma viagem longa e tra-
balhosa, em princípios de setembro do mesmo anno.

Cabral encontrou a Índia em grande decadencia.
Os nomes de Albuquerque, Almeida e Castro já ho-
muito tinham desaparecido. « Já ninguém dava dois
"gardãos pelas barbas do vice-rei" » diz um escriptor
contemporaneo⁽¹⁾, e assim era.

Cabral lançou-se a patyrisar os governadores e os
cunhues; Francisco Barreto que governava então
não gostando das suas patyras e querendo condemnal-
o, mas tendo em consideração a sua fama de poeta,
desterrou-o para Macau, para exercer o cargo de go-
vedor dos bens de defunctos e ausentes.

Entre as suas patyras ficou celebre e intitulada
Disparates na Índia em que se dirige directamente
ao governador.

Na volta de Macau, para a Índia, naufragou
nas costas de Cambuja, perto da foz do Mei-Kong, o que
deu origem a vida e os Lusiadas. Chegando á In-
dia Cabral que continuou a poper as injurias de Bar-
reto, até que, quando veio o successor D. Constantino
de Bragança, foi posto em liberdade.

Mas não acabou ainda aqui as suas desgraças:
quando o pollaram veio um conde Miguel Rodri-

⁽¹⁾ Latino Coelho: *Obr. cit.* - 258

que, por algum tempo o Fios peccos que lhe embargou a partida, dizendo que Camões lhe devia, mas alcançando o perdão da dívida conseguiu por solto.

Durante a sua residência na Índia, tornou parte em muitos ~~combates~~ combates. Resolvendo vir para a patria embarcou-se num navio que zarpara para o porto de Lisboa; mas em Moçambique esteve para ser morto por um negro que Pedro Barretto dizia que elle lhe devia os crusados. Valeram-lhe então alguns amigos entre elles Fleiter da Silveira que lhe pagaram a dívida e o poeta pôde continuar o seu caminho para a patria onde chegou em abril de 1569, 16 annos depois da partida.

Quando Camões chegou, Lisboa andava em festa. A sua recepção eram os dolores dos pinos e os acorujamentos fúnebres. Ao avistar a terra, zandera o seu grande amigo Fleiter da Silveira que o salvava em Moçambique. Tudo era triste á sua chegada; D. Catharina d'Almada já lhe muito que tinha morrido e Camões apenas encontrou uma netinha, a sua mãe para o consolar durante o resto da sua vida.

D. Sebastião tinha começado a reinar; e tres annos depois, em 1572, Camões conseguiu publicar a primeira edição da sua epopeia.

Foi grande o ardor que elle causou entre os contemporaneos. Conta-se que Pedro de Costa Perestrello que tentava fazer um poema O descobrimento do Vasco da Gama o rasgare tendo a immortal epopeia.

Porém Camões, só recebia galanias de louvor. A

aos príncipes caubianu até morrer. O rei D. Sebastião dava-lhe uma luz de quinze mil reis annuaes!

Depois de nove annos de zozura morreu o maior poeta portuguez, a 10 de junho de 1580 tendo apenas 30 annos um escravo.

Diz-se que, quando estava a morrer e sabendo que o duque de Alva viria sobre Lisboa e sabendo a decisão das cortes, dissera que «morreria com a patria.»

É assim morreu victima da ingratitude dos seus concitadãos e das injustiças da parte, o maior effico dos tempos modernos sem ninguém a consolal-o nos seus derradeiros momentos.

Depois de morto é que começaram a avaliar-lhe o merito e o grande talento; ees vido não.

Assim tem acontecido com quasi todos os grandes vultos.

Camões, além dos Lusiadas escreveu sonetos, eclogas, elegias, canções, odas, um pequeno poema effico Stã Ursula (accão do martyrio das onze mil virgens) grande zozão de redondilhas, e tres autos: Filodemo, Mithicoes, e o d' El-rey Seleuco.

Os Lusiadas caubam o immortal feito de Vasco da Gama, a extraordinaria aventura portugueza.

Camões, começando a descrever a viagem, aproveitã seu Meliude occasião de, pela bocca de Vasco da Gama, engrandecer os seus antepassados, cantando as batallas mais importantes, os feitos mais grandio-

so dos reis portugueses; de mostrar a grandese d'ani-
mo dos seus ~~conquistadores~~ conquistadores quando en-
raam desobedecer ao gigante do Cabo Tormentoso, que
thas promettia riquezas, marões e destruições. De vol-
ta de Vasco da Gama elle imagina a "Ilha dos Arues"
onde é revelado ao Gama o que ha de acontecer ao im-
perio portuguez oriental; engrandece os heroes da In-
dia e Portugal e zela bocca do netho do Desbello grego
visa qual o destino que hão de ter os trabalhos e esforços
dos portugueses para chegar á India.

Comparado com os poemas epicos modernos pode-
mos dizer que é o netho de qualquer d'elles.

El affeito de Camões não é, como o poema de Vir-
gilio, um « poema de convenção »; como o Geneslaim
que vai buscar o assunto a factos independentes
da epocha do autor. Os Lusíadas cantam um feito
ainda recente, um feito puramente nacional; can-
tam a gloria portugueza, os seus heroes, os seus feitos
grandiosos e extraordinarios, as suas peenas « mais
tocantes de amor e de desventura. »⁽¹⁾ Luis de Camões
como diz o escriptor Lobino Boetho⁽²⁾ « é a propria nação
personificada que zela bocca do guerreiro e do soldado,
fazie retumbar em todo a terra a effica harmonia dos
seus cantos, como outro heroe, com os seus feitos, accen-
dando em todo o orbe os echos innumeraes da sua

(1) Lobino Boetho: Obr. cit. - 261

(2) Notas Illustradas do viajante em Coimbra, 13

(3) Lobino Boetho: Obr. cit. - 277

gloria. » Camões nos Lusiadas, mostrava a sua vasta erudição quer sobre antiguidade classica quer sobre ramos de sciencias contemporaneas. Conhecia a fundo a mythologia greco-romana, a historia de toda a antiguidade e mostrava que era marinheiro e soldado experimentado, conhecedor da sociedade em que vivia e que muitas vezes criticava.

O maravilhoso dos Lusiadas é tirado da mythologia greco-romana. O deus protector dos lusitanos é o Júpiter Marte, querendo assim mostrar as glórias guerreiras do seu povo. Vemos tambem allegorice tentando divertir e dar um momento de repouso aos navegantes na "Ilha dos Amores". Contra nós se levantava Baccho e alguns outros mas cujo impeto era abrandado por Júpiter que presidia aos destinos do mundo.

O maravilhoso sagão é o mais gregio, o que melhor se presta á accção epica; e Camões, educado no tempo em que a Renascença estava brithante, resuscitou-se muito deste movimento sendo talvez esta a causa principal de ter escolhido o maravilhoso sagão para a sua epica.

No seu poema revela-se Camões marinheiro experimentado.

Alexandre de Humboldt diz: « Camões é, no gregio perdido da Galacia, um grande Júpiter marítimo. »⁽¹⁾

(1) Cosmos, II, 65 - Alfred d'Hercule d'Es: Luis de Camões marinheiro, nota 1.

• Mostra também que era soldado e conhecedor do que era um combate; elle escreveu o diz no muito citado verso:

«Para servir-vos, braso ás armas feito.»

Garrett, zelo tomou triste e melancólico que he em quasi todas as suas composições mostra bem quanto foi generosa e amargurada a sua vida. Nos sonetos quasi que se não lembra as lamentações acerca do seu malaventurado amor. Não é só nos sonetos que isto apparece; mas nos elegos e canções a tristeza e o desespero revelam-se a cada verso.

É não era só do amor que elle se lamenteava; também se queixava dos seus combates, de sua gloria, que tão mal lhe saíram e tão escripto com letras d'ouro as suas mais glorias e a sua mais extraordinaria aventura maritima. E deixou-o morrer «á miséria e sem conforto...»⁽¹⁾

Coimbra = 9 de maio de 1897.

⁽¹⁾ Garrett: Garrett.

Nota e este exercicio é tambem auctoria de um outro que tem a data de 10 de maio de 1896.

Origens e caracter da escola gonguica. Sua
introdução em Portugal e desenvolvimento
no reinado de D. Diniz, especialmente.

A poesia gonguica teve origem nas regiões ao sul do Loire, no Provença, Aquitania, Auvergne e Tolosa. Foi nesta zona que ella se começou a desenvolver e donde partiu, depois, para todas as nações da Europa.

O seu desenvolvimento começa com a primeira cruzada (1095); até então os cantos populares nacionaes eram prohibidos, assim como eram mal vistos os "mestrais" ou "jogros" que os cantavam; mas com a cruzada dirigida por Pedro, o Ermita, a nobreza, a classe então dominante, abalou para o deffor do Santo Sepulchro, ficando em liberdade a classe popular assim como os seus antigos costumes.

O seu periodo de esplendor dura até a ultima cruzada (1268) e decahe com a guerra que o sul da França teve de sustentar contra o norte.

Innocencio III, papa, fez a cruzada contra

os herájes de Iltri e com a perspectiva d'um rico desfo-
jo não faltaram moços e soldados para se alistarem de-
baixo do estandarte de Simão de Montfort.

A brilhante civilização da Provença foi anniquilada
completamente e os trovadores que pertenciam á classe
popular, fugindo, começaram então a esgarhar-se pelos
paizes mais proximos.

A poesia provençal tem geralmente, o caracter amo-
roso; algumas vezes satyrico e guerreiro.

Em Portugal, parece que já no seculo XII se cultivá-
va a poesia provençal. Um dos factos que quizemos con-
tribuir para a sua introdução no reino foi a vinda
dos cruzados. Prolegou-se depois por intermedio da
Italia; e depois, com a vinda de alguns fidalgos com D.
Affonso III, tomou um novo caracter principalmente no
reinado de D. Diniz.

A primeira vez que a poesia provençal apparece em
Portugal é no seculo XII, como disse, por intermedio
dos cruzados que traziam consigo alguns trovadores.

E' communicada depois por intermedio da Italia
com o casamento de D. Affonso Henrique. Este rei casou
com D. Matilde, princesa da Mauritania e Saboya que
na sua convivencia havia de trazer naturalmente, alguns
trovadores, porque neste tempo, na Italia, a poesia pro-
vençal era muito cultivada.

Além d'isto, as universidades italianas eram muito
frequentadas por estudantes portuguezes e para as mes.

as armadas eram chamados muitos marinheiros genoveses e outros gentios de Itália.

Um dos factos que fizeram com que a Galesa Provençal seja propagada e cultivada em Portugal é a vinda de França do infante D. Affonso para assumir o governo português. Este infante tinha partido do reino para acompanhar sua irmã D. Leonor que ia casar com o príncipe Waldemar da Dinamarca. Percorreu depois parte da Europa indo residir na corte franceza onde então reinava Luiz IX, casando então com a condessa de Boleha, D. Matilde.

Quando voltou ao reino para tomar conta do governo de Portugal depois da deposição de D. Sancho, trouxe consigo grande numero de fidalgos portugueses que estavam com elle e que foram um dos melhores meios da Galesa Provençal ser transmittida ao reino; sendo talvez o melhor e mais activo.

D. Affonso III accibou o throno que lhe offerceram mas com certas condições injustas principalmente pelo clero que tinha desfeito D. Sancho; foram, depois de se achar a governar não curvaram as promessas como o clero desejava e para não ser exposto ás queixas e pugnas que lhe faziam, D. Affonso III recolheu-se á cama dizendo-se groltylico e assim se conservou durante quatorze annos. Parbanto tornou-se a Galesa como que "um gansa-tempo" e assim se foi desenvolvendo.

É então que ella começa a entrar no seu periodo letthante ao mesmo tempo que na Provença desahia.

Um dos grandes cultores do Lyrismo gouvernal foi D. Diniz. Educado em casa de mestre por mestres franceses entre os quaes se cita Hymeric d'Éclair, um dos haueus mais eruditos do seu tempo, tinha grande gosto pelas letras, principalmente pela poesia. Quando seu pai lhe deu casa, entre os fidalgos do seu reino ha-ria tres trovadores: João Velho, Martin Peres e D. João de Abouim. Mais tarde os seus dois filhos bastardos D. Pedro e D. Affonso Saanches tambem foram notaveis cultores da citada poesia e a sua corte tornou-se um centro poetico onde viviam muitos trovadores de Castella, Leão e Aragão.

Nas poesias de D. Diniz notam-se duas formas carac-teristicas: na primeira prevalece o verso endecasillabo; na segunda é o verso de sete syllabas. As poesias da primeira classe são caracterizadas pelo seu humôr ve-zoz e dirigidas ao objecto amado; as da segunda são inclinadas para formas populares (cantares d'amigo.)

Com a morte deste rei comeca a decahir a poesia gouvernal e no reinado de D. Affonso IV decahe mu-i-to e comeca a par substituida pelas formas de caval-laria do cyclo breton ou do "Tavola redonda." O gènio de Affonso IV não era muito inclinado á poesia; era mais guerreiro do que poetico; e não se sabe muito da poesia gouvernal por ser elle uma das causas da rivalidade que havia entre D. Diniz e seu filho bastar-do D. Affonso Saanches, causa de algumas luctas en-tre pai e filho.

Além disto, as luctas que houve com D. Pedro I,

Por causa da morte de D. Juez de Castro, e as guerras com Castella, foram poucos sufficientes para a decadencia da poesia Lyrica.

Os monumentos que existem deste periodo são os Cancioneiros onde estavam compiladas as poesias dos trovadores desse tempo.

Os principais são: o do conde de Barcellos D. Pedro ou o Livro das canções; o de Ajuda; o de Colucci-Braucuti; o de Bibliotheca de Valicorno; e o Livro das Trovas d'el-rey D. Diniz.

O Livro das canções foi deixado em testamento por D. Pedro e Affonso XI de Castella para cuja corte elle se retirára para evitar envidias entre os seus canção-nistas. Das suas poesias (de D. Pedro) conhecem-se dez canções apenas.

O Cancioneiro de Ajuda ou de Solres, foi achado na livraria do real collegio dos Nobres; contém 313 poesias e julga-se ser anterior a D. Diniz pelo gerga-minho em que estão escritas as poesias e tambem pelos caracteres italo-gothicos e por não nenhuma canção de D. Diniz. Foi impresso pelo príncipe regy em 1823 pelo lord Carlos Stuart, em Londres.

O cancioneiro Colucci-Braucuti achado na bibliotheca do conde Braucuti di Bagli, foi publicado juntamente com o Cancioneiro de Bibliotheca de Valicorno em 1880. Foi deste ultimo que se extrahiu o Cancioneiro de D. Diniz com 128 canções. O de Braucuti tem 1149 tendo algumas communis com o de So-

lres ; o do Vaticano tem 1223 canções como os outros cancioneiros e 56 que não são canções.

Todos estes cancioneiros mostram uma grande actividade poética neste período. O corte de D. Diniz tinha grande numero de fideles trovadores entre os quaes D. Affonso Sanchez que apparece nos cancioneiros com vinte e tres trovas.

Depois do morte de D. Diniz decahe muito a poesia provençal com o reinado de D. Affonso IV, indo quasi todos os trovadores recolher-se á corte do rei de Castella Affonso XI onde era bastante cultivada ainda, entrando o proprio rei no numero dos trovadores.

Coimbra = 23 de maio de 1897.

O Padre António Vieira e as suas obras.

O Padre António Vieira nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608. Era filho de Christovão Vieira Travasso e de D. Maria de Azevedo.

Ainda novo, embarcou com a família para a Bahia. Foi nesta cidade que começou a frequentar as aulas do collegio dos jesuitas que no Brazil eram um verdadeiro gótilhado e afoderando-se do curso reduziam os estudantes para embararem para a Bahia.

Sucedem isto com o Padre António Vieira; reduzido pelos outros Padres que o admiravam pelas qualidades que mostrava desde pequeno, tomou a resolução de fugir para a Bahia aos quinze annos fugindo para isso da casa dos paes a 5 de maio de 1623. Elles instaram com elle para que se fizesse de Bahia mas todos os seus esforços foram baldados porque António Vieira lá continuou.

Depois de fazer os quizeiros votos e das provas do noviciado, passou á classe dos escolares. Foi depois

reger a cadeira de retorica do collegio de Olinda e de-
pois Philosophia dialectica no mesmo collegio.

Em 1635 disse a Graciana missa depois de passar
ao gráo de coadjutor espiritual e alguns annos depois
subiu ao gráo de professor tendo percorrido Graciana
durante muito tempo as povoações da Provincia da Ba-
hia pregando e convertendo.

A noticia da revolução de 1640 em que D. João foi ac-
clamado rei, quando chegou á Bahia, foi recebida com
entusiasmo.

D. Jorge de Mascarenhas, 1.^o vice-rei governava en-
tão aquella provincia ha alguns meses⁽¹⁾; e declarando-
se pela independencia reconheceu como rei D. João IV;
e resolveu enviar seu filho D. Fernando em represen-
tar el-rei pelo glorioso movimento do 1.^o de dezembro.

D. Fernando tambem effectivamente⁽²⁾ levando como
conselheiro e protector o padre Antonio Vieira e um
outro jesuita Simão de Vasconcellos.

Aparece-nos pois, aqui, Vieira como influente nos
negocios do vice-rei e nel-o-heimos depois mandado a
ser influente directo nos negocios do reino e da corte.

Depois de embaixado ter chegado a Lisboa⁽³⁾ conse-
guio Vieira fallar ao monarcha dois dias depois expe-
do-lhe logo varias referencias no Brazil como as crea-
ções de conselhos de commercio e reformas nas leis

(1) desde 5 de junho de 1640

(2) a 27 de janeiro de 1641

(3) a 28 de abril de 1641

da Inquirição acerca do confisco dos bens dos condemnados.

É sabido que começou o período em que Vieira domina completamente a corte, a aristocracia e o animo de D. João IV, animo permeavelmente como lhe chama o Sr. Theophilo Braga.

No primeiro dia do anno de 1642 apresentava-se pela primeira vez no gulfão, na esreja de S. Roque, em Lisboa; e tal foi o efeito que causou a sua eloquencia e talento que era com vaidade que, depois, se dizia, que tinham ouvido o padre Antonio Vieira. Tão bem o grande jesuita soube captar o animo do rei que este não duvidou dar-lhe a cifa secreta com que escrevia aos seus embaixadores; nomeou-o tambem grãe da casa real e alem disto entregou-lhe a educação de D. Theodorio, o seu primogenito e successor, que, seguindo disse depois Vieira numa parva das exequias do mesmo príncipe, só se divertia com os religiosos da Congregação, lia nos livros d'elles, a elles se confessava, enfim, era um jesuita perfeito.

D. João IV ordenou tambem que as decisões dos juizes e dos ministros, fossem primeiro apresentadas ao padre Vieira e que este desse o seu parecer acerca d'ellas. Tudo isto mostra o grande poder e influencia que elle exercia no reino, influencia e poder que não eram muito bem vistos pela Congregação que, seguindo o costume, trabalhando sempre mais a occultas e publicamente não gostava de ver Antonio Vieira tanto ás claras agoderar-se da corte e dos escriptos.

Também era mal visto pelo Inquisição não só pelo
 protesto que fez ao rei acerca do confisco dos bens dos
 condemnados pelo terrível tribunal, mas também pelo
 odio que havia entre jesuítas e dominicanos donde
 eram tirados quasi sempre os inquisidores.

Mas apesar disto o valimento do padre jesuíta
 continuou se não augmentou, na corte e em D. João
 IV, por isso, pouco depois este rei mandou-o tratar
 no estrangeiro de negocios importantes como vamos
 ver.

Por este tempo, como andavamos em guerra com
 a Hespanha, propoz o padre Vieira ao monarcha que
 se desse Bahia e Pernambuco aos hollandeses, com
 quem então andavamos em guerra no Brazil, como
 condição para a paz e que se tratasse então da guerra
 com a Hespanha. Esta opinião, porém, não foi bem
 aceita e voltaram-se então para outro negocio não
 inferior ao antecedente: a anexação de Portugal á
 Hespanha ou a qualquer outro país como dote da
 princeza que casasse com D. Theodosio, successor de D.
 João IV.

A primeira ideia teve no Brazil grandes resisten-
 cias; á frente deste movimento estavam André Vi-
 dal de Negreiros e João Fernandes Vieira que conse-
 quiram rejellir simultaneamente tentativas. Depois de algu-
 mas juvenas luctas o valente Fernandes Vieira ga-
 nhou a batalha de Taboas a 3 de agosto de 1645 contra
 os hollandeses; tomou depois Pernambuco a 17 d'agosto
 de 1645 que depois foi tomado outra vez pelas inimigas

até que Jon fuiu, a 26 de janeiro de 1654 se assignou
uma capitulação em que os Holandeses abandonariam
de vez a Graca.

Veudo que não fazia nada por este lado, D. João IV,
tratou do casamento de seu filho. Enviou Ambrosio
Vieira a tratar o casamento com a duquesa de Longe-
ville; porém em 1546 mas a tentativa não produziu o
effeito desejado: a duquesa de Longeville já estava ca-
sada. Voltou portanto Ambrosio Vieira a Portugal em
1647; e foi enviado dois annos depois a Roma tratar
com o embaixador Henriquez Goncalves de Mendon-
ça, o casamento com a filha de Carlos II de Hespa-
nha; tambem não produziu effeito esta segunda tenta-
tiva: Carlos II não queria ter tratados com um « rebel-
de!» Tentou depois ainda o casamento de D. João
d'Austria com D. Catharina, infanta, ficando D.
João IV, rei do Brazil ou como queria o rei de Hes-
panha, rei dos Sicilianos! Mas nesta terceira tentati-
va conseguiu o mesmo do que anteriormente.

E' para notar a falta de patriotismo que o padre
Ambrosio Vieira mostrou nestes negocios, mas explica-
se até certo ponto; era jesuita e stem disto nasceu
durante o dominio Henriquez; contudo estas razões
não são sufficientes para o seu procedimento.

El' um jesuita, tanto desejava que Portugal
estivesse independente ou anexo á Hespanha ou a
outro quiz qualquer; desde que elle podesse interferir
sobre os annimos e mandar, tudo estava bem; não
era a elle que desejava que se perdesse o Brazil

ou a Índia; lá estavam os Padres da Companhia para continuar no seu mister, independentes do governo. Contudo, não parece muito certo o procedimento do grande arcebispo nestes negócios.

Do de D. João IV não se falla; ainda que tenha o título de "restaurador".

O Bispo da Bahia, desde 1644, dava-lhe ordens (a Vieira) para voltar para o Brazil o que só fez em 1652⁽¹⁾ dirigindo-se ao Maranhão.

Foi aqui que, poucos meses depois recebeu a nova da morte do seu discipulo D. Theodosio que tinha morrido a 15 de maio de 1653. Vieira querendo, em vista da morte de D. Theodosio, conhecer o infante que lhe devia succeder, partiu em 1655 para Lisboa, donde voltou n' esse mesmo anno.⁽²⁾

Vendo que a corte e a politica que elle tinha seguido não lhe eram favoraveis, voltou-se para o trabalho das missões até que depois de uma pequena revolta contra os jesuitas, veio, com outros Padres, desterrado para Lisboa onde encontrou já D. Affonso VI a governar⁽³⁾, pouco tempo de guerra, principiando logo mesmo rei que de noite, e talvez de dia, corria as ruas da capital praticando as maneiras grossas.

Já então havia a conflagração para dar o throno a D. Pedro, infante e julgando-se que o Padre Antonio

(1) a 22 de novembro

(2) a 16 de abril

(3) desde 6 de novembro de 1656.

Vieira ajudava multido nella, ou receiando-se o seu gênio e caracter desterraram-no para o Porto, em 1662 de onde foi para Coimbra no anno seguinte.

Nesta cidade é que a Inquisição lhe soude lançar as garras que ha muito desejava lançar-lhe; foi acusado de defender dos judeus quanto á confiscação dos seus bens e quanto a serem queiridos vivos e de ser contrario ás ordens religiosas; e por estas razões foi encerrado malgreus das escuras cellas d'onde geralmente se sahia só para os tratos do Gôto ou para algum auto de fé. Depois de um enorme processo que durou vinte sete mezes e durante os quaes Vieira não cedeu aos inquisidores nas suas poucas exigencias, foi-lhe dada a sentença⁽¹⁾ que o condemnava a « guardar nós activa e passiva e a recolher-se a um collegio de noviços. » No anno seguinte esta sentença foi annullada.

Em 1668 partiu ainda para Roma onde, pela sua eloquencia e saber, adquiriu todos os que o amiam, sendo-lhe dada pelo Papa a exemption da jurisdicção do Santo Officio. Depois de sete annos de triumpho regressou a Pariz e depois ao Brazil⁽²⁾ onde se recolheu a uma quinta.

Apesar de estar velho, ainda não termináram aqui os seus trabalhos e desgostos porque foi mettido em dois processos sendo um da grôfia Bonifaciana. A sentença que o declarava innocente só appareceu depois da sua

⁽¹⁾ a 23 de dezembro de 1667

⁽²⁾ a 27 de janeiro de 1681

morte! E depois de poucos annos, quasi, de uma vida muito activa, morreu o grande orador sagrado a 18 de julho de 1697, no Brazil.

Os primeiros trabalhos do padre Antonio Vieira são agostilhas escolares e algumas traducções para as linguas selvagens da Bahia, de catecismos. Estes trabalhos foram feitos ainda, quando novo, quando estava no segundo gráo da Congregação, aos dezesseis annos, pouco mais ou menos. As suas obras juvenis são os sermões; são composições muito notáveis, mostrando a grande eloquencia de que era dotado, a elevação das ideias, a facilidade com que manejava a glosa. Ainda que ~~seja~~ livrados do defeito da glosa — do gongarismo — são a melhor obra, no seu genero que ha na litteratura portugueza. Vieira é «o Lygo mais completo do orador do século XVII» como diz o Sr. Theophilo Braga.

Deixou tambem grande numero de cartas, notavel tambem pela belleza da fôrma e naturalidade da expressão. Escreveu tambem o Quinto Sermão, acerca da vida de D. Sebastião, livro que, com o Clavis Prophetarum foi a causa da prisão feita pela Inquisição.

Comme sob o nome d'elle um livro critico muito notavel, o arte de furtar, mas ~~que~~ não ha a certeza de ser seu. Deixou alem disto, muitas outras obras menores.

Coinhã = 25 de maio de 1897.

Origens do theatro portuguez — Gil Vi-
cente.

Foi em Gil Vicente que o theatro portuguez teve, verdadeiramente, a sua origem.

Até ao século XVI só apparecem representações de caracter religioso, chamadas autos; havia tambem os monuos e intermezos representados geralmente no cantejo por "jogros, mimeses e trejeitadores" mas sem forma dialogada; eram algumas vezes danças e ceros.

Os autos eram peças dramaticas em verso quasi sempre de sete syllabas e não constava de mais de nove versos, fora os personagens mudos. Havia-os sagrados e profanos; os primeiros eram os mais usados e representados nas igrejas pelas confrarias religiosas, principalmente pelo natal, reis, paschoa e bodes de Deus.

Destás peças dá-nos o grande historiador Alexandre Herculano, uma descripção no seu romanceiro o Alabado, contido no volume das Lendas

e narrativas: Era num dia de Maio, no começo do
 século XV; ⁽¹⁾ na igreja da Batalha estava-se preparando
 um auto polemico de adoração dos magos a que havia
 de assistir o Mestre de Avis. Junto da capella do funda-
 dor estava armado um tablado feito de um grelho pa-
 ra o qual haviam de subir os personagens do auto.
 Depois de tudo preparado apparecem-nos primeiros seis
 figuras que representam mais ou menos a Fé, a Espe-
 rança, a Caridade, a Idolatria, a Soberba e o Diabo (que
 nestas peças era elemento indispensavel.) Segue-se
 então uma grave questão entre ellas em que a Fé
 se queixa da Idolatria, a Caridade da Soberba, e a Es-
 perança, do Diabo; e depois de acalorada discussão em
 que qualquer dos personagens faz uns grandes discor-
 sos, o Diabo e as duas camandaneiras, ajudadas pelo
 povo, fogem pela igreja suplicando que os outros tres
 eram levados ao céu, isto é, a sacristia em virtude
 «de uns daquellas liberdades peccicas que ainda ho-
 je se admittem» como diz o citado historiador. ⁽²⁾ De-
 pois disto veem os tres reis magos adorar o Grelho; o
 primeiro, o velho Balthazar, ajoelhando deante do mu-
 nido Jesus offerece-lhe os presentes que trazia; segue-se
 Balthazar que não acabou o seu arrazoado porque o ar-
 chitecto da sala do capitulo vendo a abobada quebrou e de-
 scer os reis para o meio da igreja berrando como um
 gozoso, ou um eufemioinhado, como dizia o poeta.

(1) 6 de janeiro de 1402

(2) Romance cit.: nas lendas e narrativas, 1.º vol., ed. III

do gíria dos meuzes de Santa Maria da Victaria.

O assumpto de todos estes autos era sempre religioso, terminando pelo triumpho da virtude sobre o vicio e em que o Diabo era obrigado a fugir fazendo grandes visagens ao publico, como o que está muito se divertia.

É tambem Alexandre Herculano que nos faz uma descripção dos meuzes que se faziam no còrte do Mestre d'Aviz, no seu romance O Meuz de Bistán; dizendo neste mesmo romance, que no tempo do Affonso V as festas deste genero que se faziam no Lago admiravam os estrangeiros que visitavam Lisboa pela sua singularidade e magnificencia. Porém, estes meuzes, como já disse, não tinham forma dialogada.

No seculo XVI é que começa verdadeiramente o theatro nacional com os autos de Gil Vicente.

O seu primeira peça foi o Monologo do Vaqueiro apresentado na camara da rainha. Começo eutão a agradecer e durante trinta e quatro annos é elle que faz as delicias da còrte de D. Manuel e D. João III.

Tretanemos agora, um genero, da vida ainda obscura do gasta dramatico mais notavel de Portugal que, como diz um escriptor moderno «seria o Lopo de Vega portuguez se tivesse a fortuna de haver nascido em outro seculo e em outras circumstancias;» e que teve a honra de trasnos, o grande erudito de Rinasca, aprender de Gorgonio o portuguez para traduzir as suas obras.

(1)

Como aconteceu com Camões, não se sabe o anno e a terra em que nasceu Gil Vicente.

Julga-se que foi em 1470 ou em 1460, sendo a primeira data a mais approvada e seguida. O escriptor Pêlo Leal no seu obra Portugal antigo e moderno diz⁽¹⁾ que foi em 1475 sendo hoje esta opinião muito abandonada.

As mesmas duvidas ha quanto á terra em que nasceu; uns querem que fosse em Lisboa, outros em Barcellos e outros em Guimarães, não se sabendo nada de certo. Tambem já li num livro que o poeta nasceu na villa de Pedaveira!

Gil Vicente teve dois filhos segundo uns e tres segundo outros. A opinião mais seguida é que teve só dois filhos: Luis e Paulo Vicente; Jorem Faria y Sousa e Diogo Barbosa Machado dizem que o poeta teve outro filho Gil, que morreu no India combatendo — porque tendo muita habilidade para a poesia e chegando a compôr um auto, seu pai teve inveja e o mandou para a India onde se mostrou tão bom soldado como em Portugal se mostrou poeta.⁽²⁾

Mas não é esta a opinião ~~se~~ mais seguida hoje e parece que a verdade é que teve só os dois filhos citados.

Ha tempos levantou-se uma grande questão entre dois grandes cultos da nossa litteratura castelhana — nos accres do grande dramático: um diz que o Gil

⁽¹⁾ No vol. I, 330. — ⁽²⁾ *Ibidem*: I, 331

Vicente Gasta era o Gil Vicente ourives, autor de muitas obras d'arte, entre ellas a celebre custodia dos Jeronymos; o outro dizia que não, que o Gasta era um e o ourives era o outro.

Estes cultos da litteratura eram os sr. Theophilo Braga e Camillo Castello Branco.

O Griveiro sustentou com documentos a sua opinião, como por exemplo um alvará de D. Manuel em que diz que Gil Vicente era ourives da rainha D. Leonor, ou o testamento de mesma rainha (de 7 d'abril de 1517) em que se falla de Gil Vicente autor de dois calix que estão no mosteiro dos Jeronymos, ou o testamento de D. Manuel que se refere á custodia e cruz do mesmo mosteiro e outros documentos que, contudo, não foram suficientes para convencer o grande romancista que sustentou que era falso o que o sr. Theophilo Braga dizia e demonstrou que o Gasta e o ourives eram duas entidades diferentes.

Esta é a opinião mais accetida e hoje dada como a verdadeira.

O Griveiro obra de Gil Vicente e tambem, como diz o citado Sr. Theophilo Braga⁽¹⁾, a Griveira de Portugal, foi o Monologo do Saqueiro ou do Visitação. Foi em 1502, no dia 8 de junho, quando a esposa de D. Manuel deu á luz aquelle que havia de ser o fanático D. João III «fanático piensero» como lhe chamava Alexandre de Gusmão. No seu realissimo estudo acerca da Griveira e estabelecimento

(1)

momento da Supplicação.⁽¹⁾ A entrada do poeta na corte e principalmente na camera da rainha (e naquella occasião) revela que elle era de alto nascimento. Assistiu ao auto D. Manuel, sua mulher D. Maria, D. Leonor, sua irmã a rainha viúva, D. Beatriz e mais outras pessoas da corte.

O assumpto do auto é pouco mais ou menos isto: apparece um vaqueiro da terra de Estrella que foye entrar casualmente naquella quarto; admira-se de tudo o que vê, louva e felicita a rainha pelo nascimento de seu filho e ao terminarem entram uns poucos de homens que usam offerrecer presentes ao novo Principe. No romance logo diz-se que estes eram em numero de trinta mas é de supôr que não e que esses « comulgados »⁽²⁾ (como elle lhes chama) eram fidalgos do reino que cultivavam a poesia e que apparecem no baucioneiro geral.

A ex-rainha D. Leonor, gostando muito deste romance, pediu a Gil Vicente para lhe compôr um outro para o proximo natal.

Effectivamente compôr o auto a que chamam Auto pastoril castelhano, como o antecedente na lingua castelhana, o que naturalmente era para agradar a rainha. D. Leonor, admirada com o talento de Gil Vicente que além de autor era tambem actor, pediu-lhe um outro auto para o dia de Reis proximo, que foi o Auto dos reis magos.

Comença então o periodo em que Gil Vicente todos

(1)

os annos, quasi, começã um auto ou mais, que se representava deante da corte ora em Lisboa, ora em Coimbra ora em Evora, ora em Alentejo e outras terras onde ia a familia real.

Aldeante daremos a lista completa dos autos.

Algora a sua vida resumir-se a começar os autos e a fazer rir a corte com os ditos engraçados e cheios de alluções satyricas aos goztes contemporaneos ou as factos gançados ha pouco.

O seu ultimo auto foi a Floresta dos engraçados que foi representado em Evora deante de D. João III, no anno de 1536.

Foi neste anno que o grande gozto morreu, ignorando-se em que dia. Esta data é a mais segura e é a que parece mais provavel; o escriptor Risco Real na sua citada obra e peguindo o seu systema de errar' diz que o gozto morreu em 1557: differença algumas de 21 annos!⁽¹⁾

Coincidiu a sua morte ser no anno em que a Inquisição foi estabelecida em Portugal⁽²⁾ a que elle se offor bastante junto de D. João III.

As suas obras são, e se ardeem chronologicas:

Monologo do Sapuêiro, já citado - 1502

Auto pastoril castelhano, representado parece que em Lisboa - 1502.

Auto dos Reis magos, representado no mesmo sitio - 1503.

⁽¹⁾ Portugal antigo e moderno, I, art.º Barcellos.

⁽²⁾ Bulle de 7 d'abril de 1536 {Herculano: Hist.º da origem, etc. II}

Auto da Sybilla Carocandra - ainda na mesma cidade, em 1503

Auto da Fé - representado em Alentejo - 1504

Auto de S. Martinho - nasaldas - 1506

Quem tem farollos? (farça) - representado em Lisboa.
- 1505.

Auto dos quatro teuzos - também em Lisboa - 1505.

Semead em verso - representado em Alentejo - 1506

Auto da Alena - representado em Lisboa - 1508

Auto do Fausto - representado em Santos-o-Velho, 1510

O velho da floré - julga-se que foi representado em Lisboa - 1512

Exhortação de guerra - representado em Lisboa - a 15 de agosto de 1513.

Comedia do Viuro - 1514

Auto das Fadas - 1516

Auto da Barca do Inferno - representado em Lisboa,
- 1517.

Auto da Barca do Purgatorio - também em Lisboa - 1518

Farça dos Physicos - 1519

Auto do Indio - representado em Alentejo - 1519

Auto da Barca da Gloria - em Alentejo - 1519

Farça dos Gigantos - em Evora - 1521

Cartes de Júpiter - em Lisboa, - 1521

Comedia de Tubera - em Evora (?) - 1521

Auto Pastoral - em Evora - 1523 (25 de dezembro)

Jquez Pereira - em Thomar - 1523.

Juiz da Beira - em Alentejo - 1525

Fragoa de Anuar - em Evora - 1525

Tringlo de Agollo - em Lisboa (?) - 1526

Farsa dos alucronas - em Coimbra - 1526

O Clerigo do Bairro - em Alentejo - 1526

História de Deus - em Alentejo - 1527

Diálogo sobre a Transunção - parece que não foi representado - feito em 1527.

Comédia sobre a divisão da cidade de Coimbra - representada em Coimbra, 1527, quando havia festa em Lisboa.

Tragi-comédia Pastoral da peregrinação de Estrela - em Coimbra - 1527 (15 de outubro)

São de amores - em Lisboa, 1527.

Auto da Feira - em Lisboa - 1527

Tricuncho do Juvenio - em Lisboa - 1530

Auto da Lusitânia - em Alentejo - 1532

Promessa dos Agravados - em Évora - 1533

Dono Duados - não se sabe o anno nem o sítio em que foi representada.

Comédia de Gaule - em Évora - 1533.

Auto do Moço Mendes - em Évora - 1534.

Auto da Casaca - em Odivelas - 1534

Farsa do Bugaço - em Évora - 1536.

São ao todo quarenta e quatro. Como se vê foi grande o trabalho poético de Gil Vicente.

Geralmente satyrico, não zombava ninguém, principalmente os poetas seus inimigos e que reagiam contra o theatro medieval como Só de Miranda e outros.

Gil Vicente teve, depois de sua morte alguns can-

líricas, dos quaes os mais notaveis são:

Alfonso Alvarez — que fez os autos de S. Barbara, de S. Thiago, alortolo, de S. Vicente e o de S. Antonio. O primeiro que ainda ha annos se representava pelas aldeias é o unico que nos resta deste gado; os outros perderam-se.

Ribeiro Chido — autor dos autos de estatural Invenção, do das Trageleiras, do da gralica dos boi-fadras e o da gralica de oito figuras.

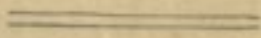
Antonio Prestes — autor dos autos de Três-Maria, do Castriunho, do Procurador, o do Desembargador, o dos dois invenções, o da Giosa, e o do Mouro Encantado e outros mais.

Balthazar Dias — autor dos autos de S. Catharina, e o de S. Bleixo. O de S. Catharina subsiste ainda no theatro popular. Ha annos publicou-se no Diario Ilustrado em folhetim escripto pelo sr. Luis Augusto Palmeirim em que descreve a representação deste auto na aldeia de S. Christovam de Mafreuda — o que mostra que não perdau de modo, no Joro, estas representações.

Luis de Camões — seguiu tambem nas suas composições dramaticas a escola de Gil Vicente. Escreveu tres autos: o de Filodemo, o de El-rei Seleuco e o dos Evangelhizantes. Este, o primeiro que camões, é de assumpto tirado da antiguidade; já tinha sido tratado por Epicharmo, na Grécia, e depois por Plauto; foi publicado pelo primeiro vez em 1587 juntamente com alguns de Antonio Prestes, por Alfonso Lopes. O de El-rei Seleuco é tambem tirado da historia antiga; parece

que faz allusão aos amores que deram em resultado o casamento de D. Manuel e de Grometida esposa de seu filho, D. João III que parece não ter gostado muito da farsa. O auto do Filodemo foi representado no Jardim a Francisco Barretto; assim como os antecedentes este auto foi publicado na mesma edição de Offensivos Logos.

Aqui fica exposto em resumo a pouco mais ou menos a origem do theatro portuguez, a vida de Gil Vicente, os seus autos e os seus continuadores.



Coimbra = 30 de maio de 1897.

Carácter dos seis primeiros períodos da lit-
teratura portuguesa.

Seguindo a divisão feita pelo conde de Littera-
tura,⁽¹⁾ o primeiro período da história da litteratura portugue-
za comprehende os cinco primeiros reinados: de Affonso
Henriques e Affonso III.

Este período é verdadeiramente caracterizado pela
falta de litteratura; e effectivamente sendo estes primei-
ros reinados perturbados por luctas constantes quer com
os arabes, quer com Castella e Leão, quer civis, não go-
dian nem propícios á cultura da litteratura.

Temos a caracterisação principalmente o desenvol-
vimento da poesia gouveçal que entrou em Portugal
primeiramente por meio das cruzadas que vinham
auxiliar os nossos primeiros monarchas nas luctas con-
tinuas que sustentavam com os mussulmanos; de-
pois por intermedio da Italia, com D. Matilde, que

⁽¹⁾ Era de Delfino Maria d'Oliveira mais.

reis casar com D. Afonso Henriques, na comédia da qual tinham alguns trovadores.

O maior lirico da poesia gouveçal foi Joram, no reinado de Afonso III. Este monarca, depois da deposição de seu irmão, vindo de França, onde tinha estado, governar Portugal, trouxe consigo grande numero de fidalgos portugueses, que Joram elle tinham fugido e que em França tinham tomado o gosto pelo gouveçal.

Depois, com a fujida doença que elle dizia ter — Joram não aturar o clero que queria que elle curasse a doença e que elle Joram não estava resolvido — a poesia desenvolveu-se muito no corte, tornando-se mesmo um « Joramto forçado. »

Os escriptores em prosa desta epocha são, ainda que poucos, quasi todos em latim, como chronicas de reis, vidas de santos, etc.

O periodo Jorico que decorre desde o começo do reinado de D. Diniz até ao fim do reinado de D. Fernando, tem a caracteristica de ser a nova feição do Lyrismo gouveçal dada por D. Diniz e a sua corte.

Este monarcha cultivou muito este genero de poesia tornando-se a sua corte um centro de actividade poetica da gominha e da lingua de Europa.

No reinado de Afonso IV a poesia gouveçal foi sendo substituida pelas novellas de cavallaria ou da lavoura redonda; e desta epocha o celebre Amadis

de Gaula que tanto barulho fez no tempo.

A lingua latina começou a ser menos usada.

O terceiro periodo — comprehende quasi o seculo XV porque começa com o reinado de D. João I e acaba no de D. João II.

Já não existe neste periodo a poesia gongal, mas predomina, no principio, a poesia castelhana de Juan de Mena principalmente com D. Pedro, duque de Coimbra, que foi distincto poeta.

Continuam, a imitação do Novo, as novellas de lávolo-redonda; e a historia com Fernão Lopes, Ruy de Pina, e Azurara tomou grande desenvolvimento sendo estes chronicistas muito notaveis, principalmente Fernão Lopes.

O quarto periodo — que comprehende ao seculo XVI é conhecido com o nome de periodo dos quinhentistas.

Commeçam então as grandes navegações e aventuras maritimas e os grandes feitos no Oris; e a litteratura é « simultanea » com elles.

A poesia lyrica tem as duas formas: a medieval ou da medida velha e a italiana ou da renascença, introduzida por Sá de Miranda.

Alargase então com Gil Vicente, o theatro nacional; e a poesia epica alargase na forma de oitave-rimas no « glorioso e « grandiloquo » João de Camões.

Publica-se Gêlo Grinzeiro erey eues grammatice de
Farras de Oliveira seguindo-se eutia de João de Barros.

Seguindo o Sr. Theophilo Braga, dissemos que este
perido está representado por tres grandes cultos: Sé de
Miranda, Gil Vicente e Balthazar. O Grinzeiro, cultiva-
dor das formas italianas; o seguinte o representante
das formas medievales; o terceiro o conciliador destas
duas correntes. E' destas tres entidades que deriva to-
da a litteratura do seculo XVI.

A historia continuou com João de Barros, Casta-
nheda, Damian de Goo; e comeca eutia o predomínio
do seculo dos jesuitas.

Quinto periodo comprehendendo o seculo XVII. Tem
pouca importancia.

Predomina o mau gosto do gongonismo que chegou
a quasi todos os escriptores da epocha e uma accentuada
decadencia que continuou mesmo depois da revolução
de 1640.

A poesia ainda tem como representantes Francis-
co Manuel de Mello e Rodrigues Lobo.

E' deste periodo o maior orador pagado portuguez
o jesuita Antonio Vieira, de que ja falamos num
exercicio passado.

Sexto periodo — comprehendendo o seculo XVIII,
tem-se notavel e tem a caracterisal-o o predomínio
do litteratura franceza e a decadencia da portugueza.

Tem ainda grandes cultos como Braga, Felinto

Elysis, Damião, Tolentino e Guita que mais ou menos se incluíram nos escriptores quinhentistas para evitar de deixar de sofrer a influencia franceza.

A sciencia teve illustres representantes como Barreis da Serra, Brotano, Duque de Lafões, que tentaram pôr Portugal em relação com o estrangeiro.

Fundou-se tambem a Academia real das Sciencias em Lisboa.

Cópiada = 3 de junho de 1897.

Caracter da escola romantica e sua intro-
dução em Portugal. Garrett, Herculano e
Castilho.

No mesmo tempo que a Europa quasi inteira experimentava a influencia da grande Revolução franceza, a litteratura poplar um notavel movimento que se chama depois "o romanticismo" e que acompanhava sempre, mais ou menos, as modificações politicas.

Nascido nos lares do norte, o romanticismo foi a reacção contra a litteratura do seculo XVII que apresentando ideias grandiosas e boas, mostrava pormente um grande decadencia e empregando e abusando muito da rhetorica, neologismos, e frases garrulas para algumas exprimirem uma ideia trivial e sem valor. Durante este periodo a historia tinha sido desprezada assim como a litteratura antiga que tão brilhantemente foi cultuada durante o notavel movimento da Renascença; e os escriptores, viciados por esta grande decadencia, tendiam mais ou menos ao « dominio da

utopia » ajudando espiazamente a continuação do decaimento cada vez mais accentuado no campo litterario.

Além disto, a corrente destruidora da antiga religião christã, voltada para a revolução e athea de Voltaire e dos Encyclopedistas, tinham feito decahir muito o espirito religioso da epocha, tendendo para o materialismo.

Comeco pois a reacção: os Allemães Schiller e Goethe combatem o espirito destruidor do seu tempo e dão comeco á nova corrente. ao mesmo tempo que Chateaubriand em França, Silvio Pellico na Italia e Walter Scott na Inglaterra, trabalham no mesmo partido. O espirito religioso volta outra vez com os escriptos destes grandes vultos; e fundando-se, como diz o Sr. Theophile Baragg⁽¹⁾ « no influxo caheado entre o mundo grego-romano e a era feudal » o romantismo implanta-se entre com o reculo que começava.

O romantismo é, como diz o mesmo escriptor⁽²⁾, « a idealisação da Eidade-media » e realmente esse epocho tão tumultuoso e barbae apparece-nos neste tempo quasi, como a Antiguidade durante o periodo do Renascimento.

Varias correntes houve, do romantismo: uma com Schiller, Goethe e Byron cantava a Eidade media nos tempos tumultuosos das invasões; outra com Klopstock

(1)

(2)

Chateaubriand e Lamartine era religiosa e romântica; e outra, com Victor Hugo e ~~Scott~~ Scott tinha o seu fundamento na Idade-média feudal, no tempo em que dominavam os senhores feudais.

Não foi só na litteratura que houve movimento: as artes também alguma movimento tiveram; o estilo gótico ou ogival foi de novo estabelecido; e o estudo da historia da Idade-média por meio de grandes investigações e o das linguas românicas e do direito, tudo isto, concorrer para o brilhantismo do novo movimento que caracterisou notavelmente a litteratura deste século.

Lançou-se também as bases para o estudo da resolução do grande problema social: o melhoramento da classe operaria, do proletario, que durante toda a vida trabalha para sustentar o aheio sem achar um gramo de todo o seu esforço. Estudou-se, trabalhou-se; mas nada fizeram: hoje é ainda o povo que sustenta esta sociedade tão decadente e mal organizada que, como muitos querem e' o melhor a que se pôde chegar, mas que está muito e muito longe de ser uma perfeição.

A felicidade do proletario pretende o anarchista fazer, cujas doutrinas hoje tão mal vista e desprezada me parece por antes a doutrina do bem e verdadeira, do que « interesseira e egoista »⁽¹⁾ como lhe chama um distinto escriptor contemporaneo.

Foi este pouco mais ou menos o movimento que

⁽¹⁾ Aut. de Serge Pimentel, O Anarchismo, 13.

se deu no estrangeiro. Passaremos a ver como elle se introduziu e desenvolveu em Portugal.

Em Portugal, as ideias liberaes e revolucionarias se gathadas pela Revoluçã franceza, foram uma das causas proximas dos movimentos liberaes que se deram entre 1820 e 34.

Portugal, pello da Inglaterra, estava sujeito a uma regencia de Beresford cujo despotismo atroz e cruel foi tambem uma das causas da revoluçã de 1820.

Os luctas e perseguições que se seguiram ao dia 24 de agosto de 1820, obrigaram muitos honras de ideias revolucionarias ou liberaes, a exilarem-se. Entre estes exilados contam-se os dois introdutores do romantismo em Portugal — Almeida e Garrett.

Estes, estando ora em França ora em Inglaterra, estavam em contacto directo com o movimento que se dava nestes paizes e voltando do desterro para a patria começaram a cultivar-o até o elevarem a um grau de ex-glencia relativo com o Manuscriton, e o Arco de Sant' Anne.

Os tres honras que mais notavelmente cultivaram o romantismo, foram: Garrett, Almeida e Castilho; e visto fallarmos nelles iremos dar alguns traços biographicos de cada um.

João Baptista da Silva Leizão d'Almeida-Garrett nasceu a 4 de fevereiro de 1799, no Porto; era filho de Antonio Bernardo da Silva Almeida Garrett e de D.

Anna Augusta Leitão. Passando alguma parte da sua infancia nos Açores, donde seus paes eram naturaes, Garrett veio para Coimbra em 1814 frequentar a Universidade onde entre os estudantes havia as revolucionarias ideias proclamadas pela Revolução franceza, e pelas quaes elle se viu bastante influenciado, estando sempre mais em meo em lucto com os leutes.

Foi nesta cidade que elle escreveu a tragedia Meropé e começou a outra chamada Galvão.

Em 1822 foi processado pelo Padre José Agostinho de Macedo, o Padre Lagosta por causa do poema O Retra-cto de Senna e em 1823, em julho, teve de fugir para França porque, sendo considerado como heretico e revolucionario poderia soffrer alguma coisa em Portugal.

No seu desterro em Paris escreveu o poema Canções que, segundo elle proprio diz, começou a 13 de maio de 1824.

Voltando á patria no mez de 1826 por delizencias da escriptura que fizera em Portugal, teve a infelicidade de ser encarcerado no anno seguinte por liberdade de imprensa; e com a chegada de D. Miguel a quem foi confiado a regencia, a 22 de fevereiro de 1828, e começando o regimen absolutista do caute, das mortes e dos confiscos sem julgamento e summariamente, Garrett resolveu fugir segunda vez e refugiou-se em Inglaterra onde se refre os algortos da indigencia » como diz o Sr. Theophilo Braga. (1)

Foi então que conseguiu algumas poesias suas com o nome de Lyrics de João Miguinho e que, conhecendo mais o que era o romantismo, começou a lembrar-se de Portugal onde esta escola era ainda desconhecida e onde elle o queria introduzir.

Em 1832 quando de ~~missão~~ Bellisle junto com os emigrados literarios que foram levar reforço á expedição que D. Pedro IV organisava na ilha Terceira, deixou a Inglaterra e entrou no cerco de Porto, onde, apesar de continuos combates, da fome e das epidemias que grassavam sobre os sitiados, conseguiu parte do seu Draco de Sant'Anna fundando-se nuns leude e na tendencia para a liberdade da velha cidade do Douro.

Foi depois nomeado embaixador em Bruxellas de onde voltou por occasião de revolta de setembro trabalhando então para fundar um theatro nacional; e sendo usado em um mez de 1838 o drama Um acto de Gil Vicente deu impulso ao theatro portuguez que estava abandonado desde Gil Vicente.

Garrett auxiliou José Liberato Freire de Carvalho, José Lopes Monteiro, Leonel Tavares Cabral, e José da Silva Passos, em 1838, na redacção da constituição do primeiro anno.

Em 1841 escreveu o Alfageme de Santarem fundado no leude que diz que um arcebispo de Santarem propheticava ao jovem condestavel D. Álvaro, que a sua esjada seria invencivel; em 1848 e' que elle compoz o notabilissimo drama Frei Luis de Sousa que e' o drama unico na historia de todas as litteraturas

dramaticas e antecidas.⁽¹⁾ Envolvido mais ou menos nas luctas politicas que se seguiram, Garrett ainda publicou o seu volume de poesias Folhas espidas que são referentes a amores com uns deuses que se quer de Lisboa.

Depois, a 25 de junho de 1851 foi elevado á dignidade de visconde; e em 1852 foi elevado ao ministerio ficando com a pasta dos negocios estrangeiros; e finalmente morreu a 9 de dezembro de 1854, em Lisboa.

Garrett abraçou quasi todos os ramos da litteratura: assim o mostrou com o Cannões, o Fr. Luis de Sousa, as Folhas espidas, com as Viagens na minha terra e o Truco de Sant'Anna e outras mais obras.

O grande poeta e como diz o distinto escriptor Sr. Alberto de Oliveira, « o gae e a ruia da litteratura d' este seculo em Portugal. Sem elle ainda estariamos no barbicho e picariamos, bisnetos d' arcades, a fazer odes pelo methodo de Horacio ».⁽²⁾

Outro grande vulto que se distinguiu no romanatismo, foi Alexandre Herculano.

O seu nome completo é Alexandre Herculano de Carvalho e Branco. Nasceu a 28 de março de 1810, em Lisboa.

Começou os seus estudos no collegio de S. Felice e em breve se evidenciou como homem de

⁽¹⁾ Ph. Braga: Os modernos ideias na litterat. portug. I, 40

⁽²⁾ Palavras Loucas, cap. IV: O Vis Garrett.

rior. Estudou depois varias linguas como o allemão, o inglez e o francez e frequentou em 1830-31 a escola de Diplomatica tendo como professor o desembargador Francisco Ribeiro Guimarães.

Herculano, como era liberal, teve a 21 de agosto de 1831, de fugir da revolta que se fizera em Lisboa, zarpa bordo de uma fragata franceza Melbourne e depois, embarcando num paquete inglez zarpa para a Inglaterra passando por Falmouth e Plymouth; e depois de estar algum tempo em Jersey zarpa para Granville e depois para Rennes onde estava grande numero de emigrados como elle.

Desta viagem de Jersey a Granville deixou-nos umas descrições muito interessantes que estão na collecção das Lendas e narrativas.

Em Rennes dedicou-se ao estudo e escreveu algumas poesias e zarpa em 1832 para Brest onde, como Garrett zarpa no reforço á expedição de D. Pedro IV na Terceira. e, tambem como Garrett, pertenceu ao bravo batalhão que desembarcou no Mindello para ir socorrer o Porto onde heroicamente se batia pela liberdade.

No cerco desta cidade foi um dos mais valentes e disciplinados soldados liberaes; sempre na frente, na primeira linha, abandonava os seus trabalhos na bibliotheca agricola quando sentia ou sabia que algum combate se estava dando nas linhas de defesa.

Em 17 de julho de 1833 foi nomeado segundo bibliothecario da bibliotheca do Porto, e em 1839 foi nomeado

for D. Fernando Jaro seu ~~proprietario~~ bibliotecario, passou
de depois ás bibliothecas de Ajuda e necessidadas.

Em 6 de maio de 1837 publicou-se o 1.^o numero do Pa-
rrama de que Blenciano tomou a Direcção e cuide,
além de valiosos artigos publicou zela quinze vezes o
romance "O Bobo" referente á revolta de D. Affonso Stu-
rigues contra seu mãe e o Archas for Jaro de Blenciano
no qual, fundado-se no chronica de Fernão Lopes,
descreve os tumultos em Lisboa contra o casamento de
D. Fernando e Leonor Telles, e a recusa do infante D.
Diniz a beijar-lhe a mão.

Em 1838 publicou o 1.^o volume da sua collecção de poe-
sias A Flôr do Brenté, da qual algumas poesias se
podem considerar como « as predecessors da poesia
socialista em Portugal. »⁽¹⁾ É neste livro que vem o ver-
so notavel

« Creio que Deus é Deus, e os homens livres! »⁽²⁾

Em 1840 publicou o Mensagem de Gistén e depois o Su-
rico que no campo romântico são as obras primas
do grande historiador.

Em 1846 zouda, depois de muitos trabalhos e fadigas
publicou o 1.^o tomo do Historia de Portugal, obra monu-
mental que teve de tirar do fundo das bibliothecas e
dos archivos. Em 1849 publicou o 2.^o tomo e em 1853, o
3.^o. É esta obra que lhe dá a principal gloria porque a

(1)

(2) Poesia Sauvage sainte, no vol.^o Poesias, p. 8 (6.^o ed.^o)

história da Eidade-média em Portugal era quasi esmagada e afogada e perdida em lendas e erros abundantes que Herculano conseguiu fugentor para ser a descoberta somente a verdadeira historia.

Este trabalho infelizmente ficou só no 3.º volume, no reinado de Affonso III; desgostoso pelo guerra que lhe moveu o clero recoheu-se á sua quinta em Val-de-Lobos, e deixou-se quasi de estudos litterarios para se entregar á agricultura. «At conjurações dos notaveis — diz o Sr. Oliveira Martins — succedeu, por isso que não tinha deante de si por inimigo mais do que um stico.»⁽¹⁾ E assim era.

Herculano, depois de bastantes annos passados na sua quinta, morreu a 13 de setembro de 1878.

Como historiador tem tambem a notabilidade a Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal, obra em tres volumes, onde descreve a sociedade corrupta de D. João III e a cãte justificis não menos corrupta.

Segundo diz um distinto academico hespanhol⁽²⁾, «Bamões e Herculano são as maiores figuras da litteratura portugueza. São ambos successivamente e no mais alto grão, personificações augustas dos renascimentos litterarios do seu paiz: o primeiro do classico e o segundo, do romantico. Os Lusíadas são o monumento principal do seculo XVI; a Historia de Portugal

(1)

(2) Sanchez Neguel, numo conferencia que fez em Madrid, a

"o do século XX. » Herkulano foi grande; e como diz o poeta romântico Goeta Anthono do Suesal « as glorias mais líricas e ruidosas: mas menciono go! de haver mais juiz. »⁽¹⁾

Para falarmos dos tres conyheres do romantismo em Portugal fallá-mos falar de Antonio Feliciano de Castilho.

Este poeta nasceu a 26 de janeiro de 1800.

Em 1806, com uma doença que teve, cegou, para sempre abandonando os estudos logo conseguiu formar-se na Universidade de Coimbra.

Uma das suas primeiras obras foi Cartas de Echo e Narciso que publicou em 1821; no anno seguinte publicou o poema Primavera e Inverno e melancolia. Depois da sua formatura em Direito, em 1826, recolheu-se a casa de um pai irmao ecclesiastico onde começou a traduzir as Metamorphoses de Ovidio. Escreveu tambem a Noite do Castello e Canções do Barão. Em 1838 publicou os Quadros historicos.

Traduziu tambem os Fastos e Saeculares de Ovidio e as odes de Anacreonte, e as Georgicas de Virgilio e outras obras.

Teve uma vida bastante atribulada logo o tempo em que viveu era completamente perturbado pelas revoltas e guerras civis; e morreu a 17 de junho de 1875.

31 de maio de 1896

⁽¹⁾ Na revista "Os dois mundos", I, n.º 2

Nos seus escritos tomam-se notável pelo gurgisimo, ás vezes exaggerado; e como traductor inequalavel.

Como diz o escriptor Oliveira Martins comparando-o com Garrett: «Castilho era um poeta ambigo; Garrett era um escriptor moderno»⁽¹⁾ mas que nemhum excedis o autor do Monge de Cister.

São Jois Garrett, Silveirano e Castilho a celebre triunidade do romancismo em Portugal: Garrett creou o theatro nacional e começou o estudo da tradição nacional; Silveirano escreveu a historia como ninguém e o seu lyrisimo, como o de Klopstock é religioso e sentimental; Castilho traduzio as obras da ambiguidade seguindo o estilo elucianista.

Mas, como quasi sempre acontece, os admiradores e continuadores destes iniciadores da escola romantica, cahiram no "degeneração ultra-romantica"⁽²⁾ e esta nova modificação do romancismo teve como cultores principais Soares Passos — no gurgisimo, quasi sempre melancolicos — e Rebello de Silva — no romance historico.

Neste genero tambem podemos citar Mendes Leal e Oliveira Martins.

Rebello de Silva tem como methodes obras litterarias os romances Mocidade de D. João V e a Ultima cor.

(1)

(2)

rida de Louros em Salvaterra e uma História de Portugal, tendo além destas muitas outras obras.

É isto, pouco mais ou menos, e seu resumo, e descrição da introdução e desenvolvimento da escola romântica em Portugal.

Cóimbra = 6 de junho de 1897.

Romantismo. Caracter da escola e sua
introdução em Portugal.

[Fonte que sahio no exame de
litteratura para o exercicio escri-
pto.]

No fim do seculo passado, enquanto a Europa quasi inteira experimentava os effectos da grande revolução franceza, a litteratura propria um notavel movimento que, tendo como origem a reacção contra a litteratura do periodo anterior, rapidamente se introduziu nos paizes que mais notavelmente accumulavam o progresso litterario.

O periodo litterario anterior tinha sido de uma accentuada decadencia: e a nova escola, tendo como principal fonte d'inspiração a epocha barbara e tumultuosa dos tempos medievales ou, como diz o Sr. Theophilo Braga, a «idealização da Edda-mediea» tem tido destruir quasi o espirito decadente que ameaçava agoderar-se de todas as obras litterarias e que, com a nova corrente das ideias revolucionarias e

atrézias soltadas por Voltaire e pelos encyclopedistas, abandonando punitivamente as idéas religiosas para entrar nas materialistas.

Foi no fim do século passado e começo do actual que a nova escola foi implantada. Em quasi todas as nações da Europa teve por introductores e cultivadores os homens mais eminentes do tempo.

Esta escola tomou varias direções: uma, com Klopstock na Alemanha, e Lamartine e Chateaubriand em França, foi sentimentalista e religiosa; outra com Victor Hugo na França, Schiller, Goethe e Heine na Alemanha, teve por objecto os movimentos politicos e a vida feudal da idade-media. Além destas outras correntes houve mais que não tiveram tanta influencia.

Nascida na Alemanha, e acompanhando sempre as modificações politicas da Europa, que estava no periodo de transição do governo absoluto para o de liberdade, por seu desenvolvimento a França; na Itália teve como principal cultor Silvio Pellico autor das Minhas Prisoas e na Inglaterra Walter Scott um dos primeiros introductores do romance historico — que depois foi tão bem cultivado por Herkulano em Portugal.

Esta vez a introdução do romancismo data das primeiras viagens de Herkulano e Garrett a França e Inglaterra. Portugal desde a revolução de agosto de 1820, experimentou a influencia da tendencia que as outras nações mostravam para a liberdade; e durante estas luctas civis foram obrigados a sair do reino varios homens que pelas suas idéas avançadas eram consi-

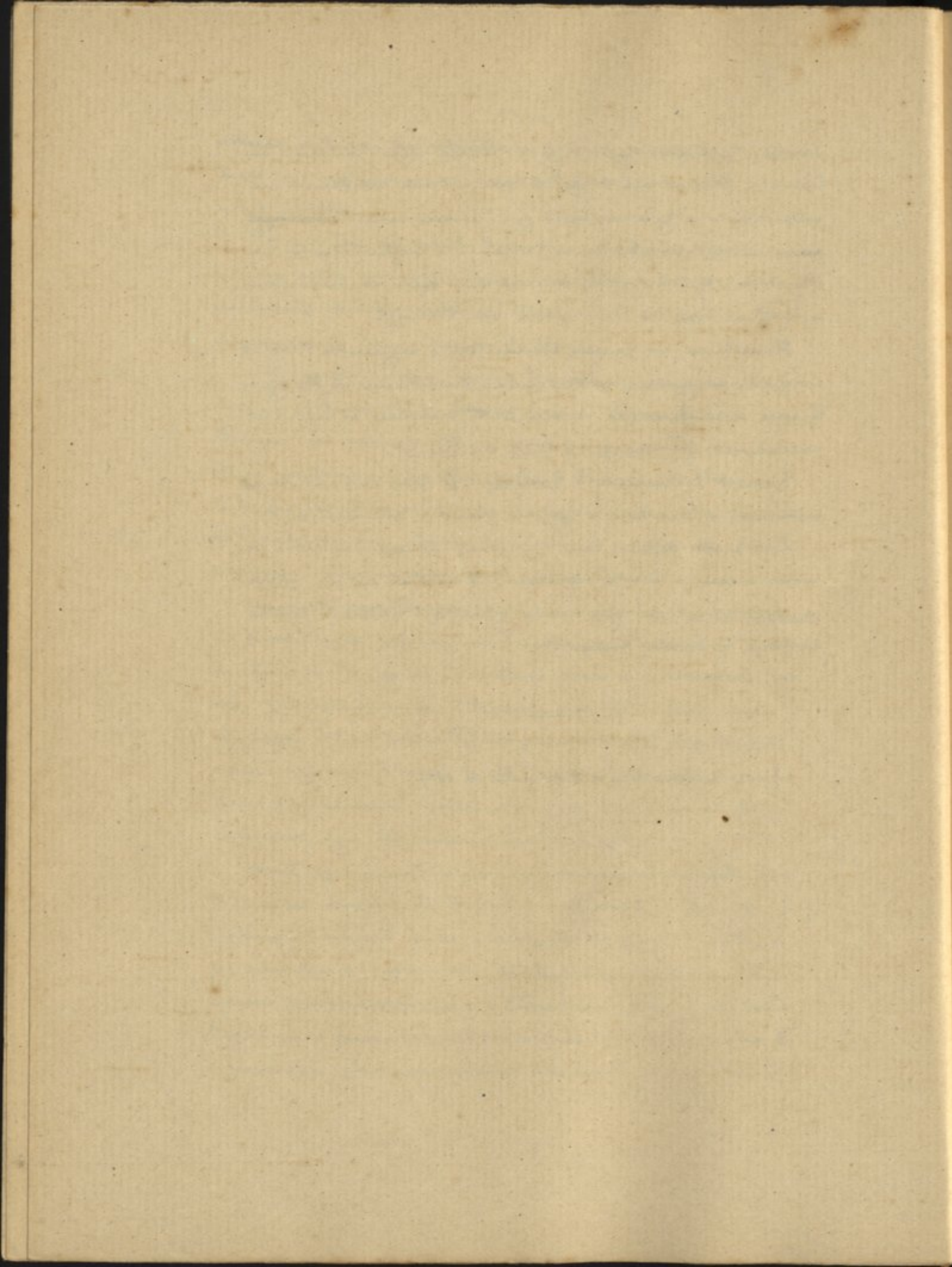
derados ferreiros para o país. Embora estes homens con-
tinuassem a residir no estrangeiro e pelo contacto que tinham com o ~~estrangeiro~~
movimento que ali havia, viram-se influenciados por
elle e de volta á patria começaram com as suas obras
a inauguração de nova escola em Portugal.

Herculano, no genero romântico e seguindo Klopstock,
escreveu as poesias collocadas no volume Atenas do
Parthenon e inspirando-se em Scott escreveu os seus tres
romances O Muange, o Bobo e o Curico.

Garrett escreveu o Camões e o Arco de Sant'Anna
collocou-se tambem a par dos grandes românticos.

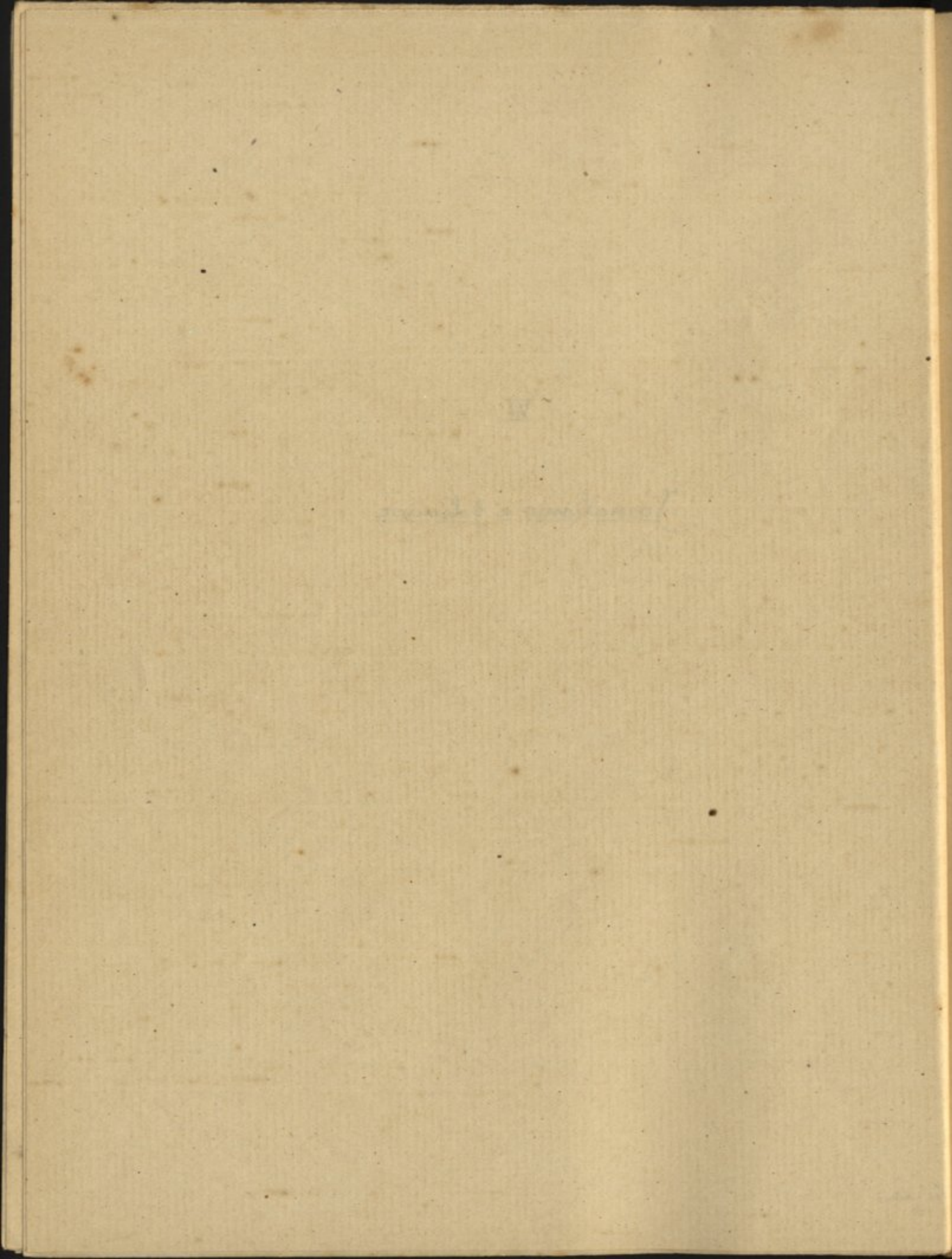
Esta escola de poesia, com Castilho, tomou um novo ca-
racter e com o tempo começou a decahir até ao ultra-
romantismo que teve como principais cultores Rebelo
da Silva e Soares Passos.

Lycée de Coimbra = 3 de julho de 1897.



VI

Jornalismo e polémica



Analyse critica do artigo "A Guerra de Cuba do Sr. M. D. (Moirah)"⁽¹⁾

O Sr. M. D. (Moirah) publicou no numero quinzeiro deste jornal um artigo acerca da guerra de Cuba, artigo que vamos analysar e criticar. Este artigo (só depois de minucioso estudo á que conseguimos habel-o) é defendendo os cubanos.

Dizemos quinzeiramente ao illustre escriptor que o seu artigo nos parece um amphiguri; nada percebemos d'elle.

Mas analysemos o artigo que não deixa de ser interessante.

Lêgo no quinzeiro vemos: « A Sberpanha trabalha e luta com todas as suas forças para manter a sua autonomia na ilha de Cuba. » Ora o Sr. M. D. se parece com um dicionario, na gloria autonomia, não a

(1) Foi escripto para o n.º 2 do "O jornal", de 15 de novembro de 1896. O "Sr. M. D." é o meu antigo candidato Mario Dique.

em freguesia aqui. Se abrimos, por exemplo, o Diccionario do Povo, vemos:

Autonomia, s. f. Direito de se governar por leis próprias; independência.

Ho de Moraes, vemos um grande sermão acerca da Galvina; mas quanto á significação que o Sr. M. D. lhe quer dar, nada e nada! não se encontra nada! Comprehendemos o que o Sr. M. D. quiz dizer: direito, governo, regras, etc. Quiz dizer auez mas não lhe veio á lingua.

Vamos logo a seguir: « O exercito herdeiro é aguerrido e bem disciplinado mas em certa indolente contra as forças insurrectas. » Não concordamos. Eubão o exercito herdeiro que na ilha de Cuba se compoem de 200:000 homens é indolente contra os insurrectos, alguns 80:000 sem munições, sem disciplina, sem um bom commandante? Diga antes, senhor, que os herdeiros não tem um general capaz de dítar a insurreição, porque as forças herdeiras são effectivamente fortes e aguerridas. Não dê tanto vô ao seu enthusiasmo, Sr. M. D.

Diz depois que os insurrectos tem infligido serias derrotas nos herdeiros. É o inverso?... Não?

Depois, fallando da protecção da America, a Cuba, diz: « não fica bem a tão grande zoro, e sua estratégia subterranea. » A sua estratégia subterranea! Oh Sr. M. D.! Por amor de Deus! Não diga tal! Isso é feccado!

Adiante: os filibusteiros são investigados, zelo que fareis, zelo fagueo que dos Estados- Unidos temo agredido tudo: desde a disciplina militar até ás insidias diplomáticas»

Não sabemos que o Sr. M. D. sabia tanto disto.

Mais adiante, falando das Felliçinas diz: « os flibus
 "teiros são incausaveis. Tentaram perturbar a metropole
 "com a revolta de Valencia. E' muito ousar: vir dentro de
 " proprio Hendacha " intrigar contra a sua integridade, e' ser
 " temerario; sair illeso e' ser bemaventurado. Foram d'ali
 " para as Felliçinas e levantaram uma publicação sagrada
 " lista. Agora recia-se em Porto-Rico. »

Este não commentamos. Não prezamos.

Ainda mais adiante: « o pyrogluthis que a cause cu-
 " bava deserta no America do Norte, longe de diminuir,
 " não tem cessado de crescer. » Este trocadilho final, não
 e' mel arranjado, não sehor.

Finalmente, aqui no fim o seguinte: « Os cubanos, no
 " zelo afino com que lutam pela sua independencia não di-
 " ziam da nossa pyrogluthis: far imo a nossa inteira adhesão
 " aos cubanos. » Não se ganhar muito, os cubanos, com a
 " adhesão inteira do Sr. M. D. ! Faz lembrar a historia do
 " Sebastião e another adheremus »

E por fim um arranco de ... de ... enthusiasmo diz:
 Hurrah por Cuba Livre !

Extraçhamos muito que o Sr. M. D. que se diz defen-
 " sor da lingua portugueza e que protesta contra os estrangei-
 " rismos, venha enfiar um termo inglez !

E' o enthusiasmo juvenil que ainda he com as

(1) O methodo e do proprio artigo. E' convenientemente estar que se
 ta analyse critica estão muito coherente com a pinha manei-
 ra de pensar acerca do Mario Duque. (Nota e 2-I-910)

ueias e que ainda não deu lugar ao entusiasmo pens-
sato e logico.

Pardamos pois o ingenuo entusiasmo do jovem
academico.

L. Berra.

Circular = novembro (1-15) de 1896.

Leitores:

[artigo de apresentação do jornal collographado "A Ribeira", de Ribeira Brava, Funchal, 1875.]

Atos vossos olhos curiosos e avidos de novidades,
 fomos agora mais um jornal; mais um combatente
 que vem unir-se á essa já tão grande phalange que se
 chama a imprensa! Mais um que vai a campo para
 tambem dizer as mesmas cousas que todos dizem nos
 quinzeiros mesmuros: creem, no futuro que nos ha-de
 reunir, já mesma proxima regeneração! e outras cou-
 sas bonitas que nunca fazem nem ha-de fazer.

Nós tambem digamos isso mesmo: somos os ho-
 mens do futuro !!! somos os homens de sciencia ja-
 ranté quem o mundo ha-de curvar-se!

Mes ja' ora, enquanto não cheg esse momento,
 limitár-nos temos a dar algumas moléculas de nos-
 sa terra, e publicar alguns cantos e versos e... mais
 nada! O Futuro, esse... ainda very longe e, crede-
 mos, amigos leitores, quando nós chegarmos ao futu-

ro, ou quando o futuro chegar até nós, as cousas hão-
de mudar e não haverá quem diga asneiras.

Demais, as colunas estão abertas a quem dellas
necessitar e as honras feitas grungtas a quem seu de-
fezo de quem é preso.

E' isto a verdade.

A redacção. ⁽¹⁾

(Cimbras = agosto (primeiros dias) de 1899.)

⁽¹⁾ Este artigo de fundo e de apresentações mereceu uma lancie
grande do José Ferrão, num jornal também escripto "O
Jornal de Vila-Chã", julgando-se que era do Manuel Duarte. The
jardi-the case e carta que se segue, em folheto escripto.

Cartas a um amigo

(crítica e controversia)

«Uma coisa vos confessarei eu, Sr. Leonardo (disse... D. Julius) que os portugueses são honrados de ruirem língua...»

Rodrigues Lobo: Carta ao aldeão, I

«...o que largamente se estende a ruir o mal rezado d'outrem, bem dá a entender a todos que... malquerença o faz desmoronar a esta...»

F. Lopes: Chron. de D. João I, 2.^o p.

«Os animados contentam-se com tão pouco, só o homem nunca está contente!»

Rodrigues de Basto: Meditações, inf. I.

Carta I:

Meu caro: Comi muita e muita razão dizis Rodrigues Lobo que os portugueses são honrados de ruirem língua para tudo o que seja útil como para o que o não seja. Realmente, em elles ~~placido~~ começando a falar e a dizer mal — é um louvar a Deus! — não ha quem os faça calar! São zelosas seguidas umas outras das outras, sem peisucis nem consciencia e muitas

nesses... quantas asneiras! E é facto, meu caro; hoje critica-se tudo o mais, com artigos, com a maior severidade, sem esconder nem um; e depois... não se fala!...

Vem-nos logo com citações, com regras, com o diabo, tomando posições magistrais, dizendo-nos que o artigo 362 do Código civil lá diz que o tratamento do homem é inviolável e o seguinte que o direito de expressão é livre e mais não sei quantos artigos de quantos códigos existem... e nós — cotão ditos — temos de nos encolher, agachar, deixar passar essa tempestade de erudição para depois respirar tranquilamente e refazer de tudo que nos mettem tal arremettida...

Tu tens n'os países, meu caro; dos criticos de agora é fugir, mas fugir a bom fugir, porque segundo dizem...

Olha, o melhor é mandal-os ter com Plenculano ou Bannillo que elles bem poderiam lidar com tal classe...

Eu, ainda ha pouco tempo, bem deves estar lembrado, referindo-me a essa classe social lhes citava Quintiliano e outros velhos. Ora é claro que me saltaram logo: Quintiliano! Velharias! Latimorios! nós estamos no século das luzes! nós não queremos retrocessos! E garahi alem...

(1) Neste estudo meu Luís de Camões e o padre José Agostinho de Macedo

Ja nães que nães sabem o que dizem... Tu bem co-
nheces as minhas ideias, tu bem sabes os meus proje-
tos futuros e dirás se sou retrogrado...

Litei Quintiliano Jorge Quintiliano insinuamos
a nães inuocamos sem mais nem menos contra qualquer
obra litteraria como hoje se faz; insinuamos, sim, a in-
cansã e moderação devida ao seu merecimento como
aos seus autores, etc. Dei-lhes tambem varios exem-
plos dalguns nossos portuguezes, como por exemplo:
«devemos receber a imperfeição das nossas ideias» co-
mo disse o cardeal Saravia; ⁽¹⁾ «uma das perfeições
do homem é conhecer a sua imperfeição» como disse
Sleitã Pulo; e «outras muitas cousas que nães fazem
ninguã de se aqui escreverem...» ⁽²⁾ Mas elles nães se
calãram e contra isso, bem nães, e anchei-nos de jocien-
cia, de resignação christã, e cruzando as mãos, clamam
tambem, como Christo, do cruz para os altos ceus:
Pensae-lhes, Senhor, que elles nães sabem o que fazem!

Ou entães, meu caro, fães grecoceitos de lado, e
«fães a vergonha á parte» como disse D. João de Cas-
tro ⁽³⁾ e rezardes, mas rezardes torçamente!

A verdade nães conhece justificar-se! Dize-o Gues-
ta Junqueira ⁽⁴⁾; e got-a a descuberto, sem receio nenhum
— fães grante a verdade hães de curvar-se o zóilos
— é o que devemos fazer. E' enganar esse lisongei-

⁽¹⁾ Apologias de Saravia.

⁽²⁾ F. Sáez: Chronica de D. João I — Parte 2ª, I.

⁽³⁾ Notas de G. e D. João — Dedicatoria

⁽⁴⁾ Resposta de D. João — Prefacio (2ª ed^{ta}).

na esperança de triumpho que os aquirrou, quando jul-
garem que as suas galarras sobriam gráves, fozadas,
derrotando com gassadamente com o bico da gaza os
adversarios que tremulos enfiariam de medo ao ver, ao
saber e — que direi eu? — ao calcular que poderia vir
polere as suas galarras cabeças tal nevadaval de erudição
e de galarras!

Mas... « qual é a esperança que não mente? » (1) gen-
teito eu tambem... Mas é que os zoilos, os criticos, con-
hecendo a traz duma fauna pygohética não se lembram,
— citados — d'aquella phrase celebre dos triumphos so-
narios, não se lembram de nada...

« Bem dizia a freira de Beja: « sem consultár a ra-
zão se vai á gôz a vontade » (2) e é bem certo; « os desejos
são sem termo » (3) afirmava Sá de Miranda e mais
certo é...

Ora tu que és bastante genitivo, dicas: tu queiras-
te dos zoilos, elles criticam-te, pois deves fazer como
Borage: gôr-thes duro freio... (4) fare-os calar!

Não mees caro: deixo-os falar, porque bem vês, o
Codigo civil consente... Só a li té escrevo e meesmo
assim, caçoando, riudo, porque a rir se caobigam os
costumes como dizia Horacio; e Horacio, bem n'os pa-
las, té tinha suas razões...

E olha, meu amigo: no fim de contas a verdade

(1) Alfama: Sonetos

(2) Cartas de uma religiosa portugueza, VI

(3) Carta a Pero Barboza

(4) Soneto 195, (ed. 1875)

é esta: o homem é um asno! Ficamos mettidos na conta mas não faz mal nenhum; accito o qualificativo e olha que já ha dois seculos houve quem dissesse que entre todos os animais, o mais tolo era certamente o homem⁽¹⁾ e quem se n'ò disse — estava nas mesmas condições de glorioz — bem tinha as suas razões...

E devemos concordar que ainda fomos benevolos... Se eu lhes chamasse o que lhes chamou Borage ou o grande José Agostinho... crezes! Lembas é que os juristas leriam de adiver e folhear o Codigo Penal!

Mas ouve quem caro: os criticos falavam sem saberem de que; criticavam sem perceberem o que bem; desconjugavam sem saberem a quem; e ao acaso! e aventureira! Assim como veis a ideia assim sabe, á luz e sem mais nada, e sem saberem que para se criticar é necessario aprender muito, estudar muito, para depois merecer credito e para que os rizeguem; «o homem se aprende e para ensinar melhor.»⁽²⁾ Mas elles nem querem saber se aprendem nem se ensinam; vão vivendo no seu eterno notineira, encostando-se uns aos outros, coçando-se, e assim se fazem umas eschoas! Bem diz o Oliveira Martins: «são claramente equilibrados os periodos de mediocridade pacifica.»⁽³⁾

E a eterna notineira das secretarias e redações!...

Faltó agora aqui o grande Mucedo para dizer já todo

(1) Boileau: Satyre sur l'homme

(2) Alberto d'Oliveira: Palavras Loucas, cap. I.

(3) Portugal nos seculos - Subrod.

zangado, enfiando a sua abacial estatura, e caiu os olhos de deusso a lerilhas: «nem heem génio se illustra se não rompe os limites do seu século!»⁽¹⁾

Os zóilos que os rouzaram!...

Que com franqueza tu já deves estar admirado de tudo isto, porque afinal tu não, sabes do que se trata. É o caso que escrevendo esse, a pedido, um artigo de apresentação e um folhetim para um jornal o Ribeira de uma aldeia ao pé de Torres Novas, um illustre crítico goiareuse seu jornal de Villa-Chã lembrou-se — te — me essa triste ideia! — de descauçar esses dois artigos julgando-os do director do jornal que é um dos meus poucos amigos (e que seu elogio é um raiar intelligente) pensando tambem que este não responderia.

Éis aki portanto a marotaina e eu, como o verdadeiro autor e que devia responder-lhe, mas não quero; escrevo-te pois a ti para desabafar pois sei que és um dos meus boas amigos.

Até breve, muito breve. Tens

Bernardino⁽²⁾

Carta II

Meu caro: Ha poucos dias, estando eu a ler o Estatamento o Sermon do sexagesimo do nosso grande Padre Vieira dei com um passageiro curiosa e que

⁽¹⁾ O Oriente - dedicatório.

⁽²⁾ Esta carta tem redigida num folheto manuscrito. O Ferrão

muito bem se pôde afflicar ao crítico de que te falei ha
tempo, na minha ultima carta e cujas respostas tu dese-
javas conhecer.

Falava o padre jesuita referindo-se aos Gregadores
contemporaneos, assegurando-os acerbamente, aconselhan-
do-lhes a irem pelo bom caminho que lhes indicava; e re-
ferindo-se depois a alguns de ventade endurecida e de
inbelligencia devidos, dizia: « contra ventades endure-
" cidas nenhuma coisa agroveita a agudeza, antes de uma
" mais forte, quanto as setas são mais agudas, tanto
" mais facilmente se desloitam na pedra! O varo de
" Meypés abraudou as pedras e não soude abraudar
" uma ventade endurecida! »⁽¹⁾

É esta uma das muitas verdades que aquelle gran-
de Gregador nos lançou do gullito; mas não vás tu jul-
gar que com esta citação me quero dar como um ta-
lento, com essa agudeza de que elle fala, nem que eu
quero chamar ao tal illustre como desconhecido criti-
co um bruto ou um estúpido de ventade endurecida.
Não, está claro...

Aborrei de muito amigos e bem de ver que o go-
dias julgar mas retira já disso o que se quer que esse
tuas ideias se a tiveres e nem mais nem menos que
um aliviosia. E mezes, bem vêo, eu não era capaz
de chamar bruto a ninguém... credo! E de mais a
mais ao tal crítico d'aldia, a esse homieinho trans-

foi desconfavel. Está o folheto no Coll. Bartas, I,...

⁽¹⁾ Prizoda a 19 de fevereiro de 1655, no Bahia.

formado á última hora em critico... Talvez que fosse até muita honra para o homem...

E, nota bem, elle era muito caloz de o fazer, e dizer muito mais contra mim; mas eu, bem vêes, não sou violento, não... enfim, sou alguma tanto delicado...

Digo como não sei que escriptar: quando deu uma bofetada, calço grunheiro uma tuva. (Bofetada moral, é bem de ver)

Portanto, meu caro, essa tirada do padre Gregório é verdadeiramente... não sei bem como o diga... É uma figura de rethorica, coisa que elle, é certa, não sabe o que é...

Lá que elle, a falar a verdade, é terrivel para as descumposturas... mas, coitado! é caso para dizer como Hieronymo: *oh malfeliz! malfeliz!*...⁽¹⁾

Mas, afinal, o tal critico feito homem, se ler isto ha-de se rir, assim como se ha-de rir de todas as nossas cartas. Não fazas caso que a ignorancia é sempre atrevida! e lá dizem as beringenas: «o homem prudente tudo faz com conselho: mas o que é insensato descolme a sua loucura.»⁽²⁾

Até breve Ten

Bernardino⁽³⁾

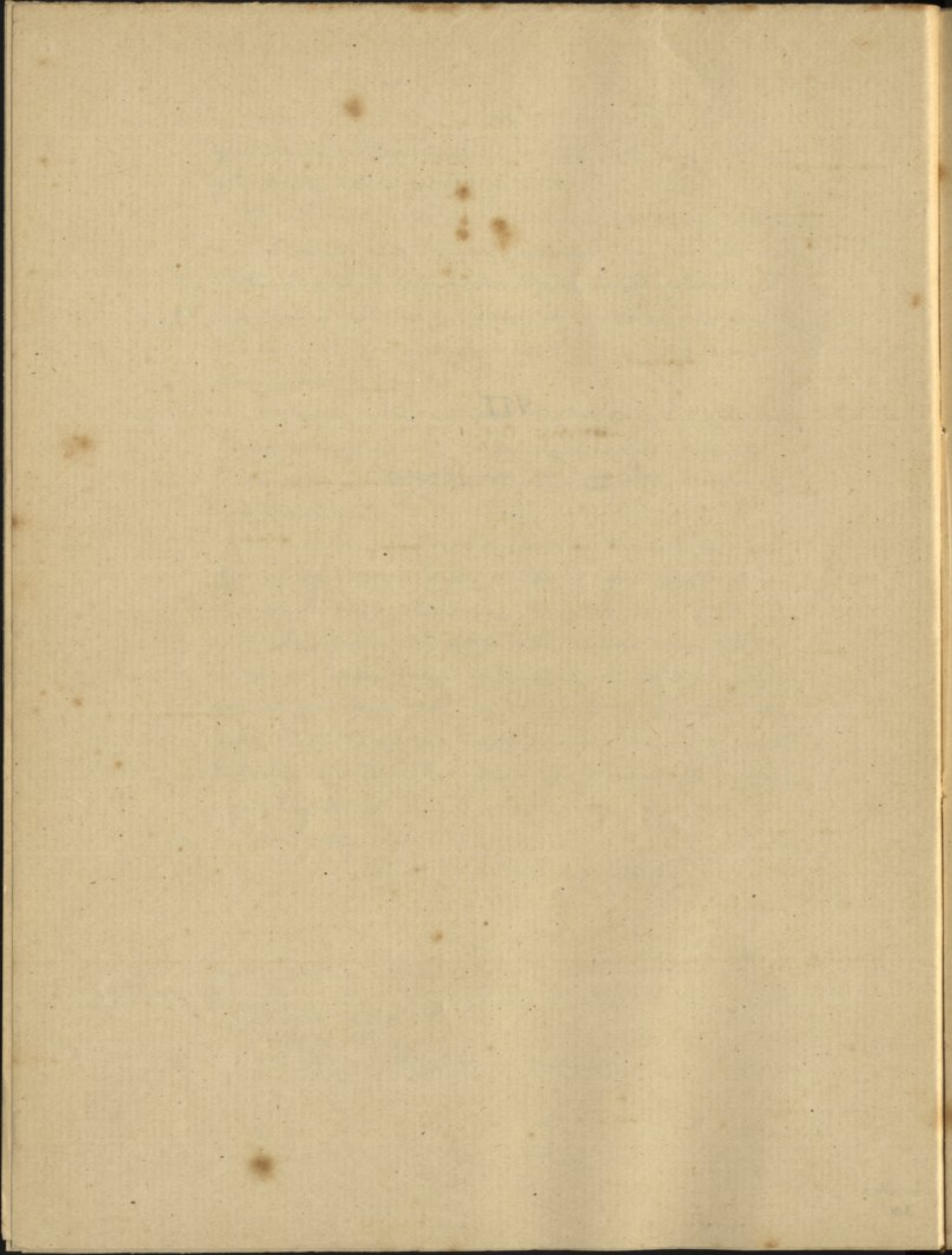
(1) Pancho d'aldeia - IV.

(2) De Ozeas, VIII, 7.

(3) Foi esta carta terminada a Jolemica.

VII

Carbas ambigas.



Coimbra = 15 - VII - 1898

Meu caro Costa Ferreira:

Desde hontem, 14 de julho, anniversario da tomada de Barbicba, estou, para todos os effeitos, novato de mathematicas, grande para ir defender a gloria dentro dos meus poderosos vasos de guerra!

Bom effeito, hontem fiz "philosophia" sendo o Vascancellor presidente, como sobra, e examinadores o Fortunato e o Carlos de Mesquita. Foram para lá com as melhores intenções, isto é não regressarem ninguém e realmente assim o bem feito e ... ás vezes com escandalo.

Bofim, antes assim; e como né, estou como o meu amigo, bacharel... formado pelo Lyceu nacional central etc. de Coimbra, com estas impressões dos meus dois ultimos professores: uns verdadeiros malandros! uns

leas semidares de Ignacio de Loyola! uns
refinadissimos trochantes! Etc....

O meu amigo tem feito falta por cá e o
seu desagrado tem causado surdura
no nosso grande cerebro intellectual Francisco
Amado e em todas as arterias da nossa civili-
zação.

O Alves de Sousa já fez acdo e agora a sua
vida resume-se em estar mettido na cama, a
dormir, e se sabe á rua, ainda a cair com
paucho; o Barnão está abraçado com um
acdo gatico que bem que fazer; o João Vid já
está grungto: falta-lhe só o allemão e queria
que em lhe ensinasse alguma coisa!... O Ma-
mel d'Aranda anda a moubo dia com uma
grande faxada; o José Julio anda agora remi-
te e publica com um grande chafu desobado
as tres guesadas; etc, etc. mil outras cousas
que o meu amigo nem a gazeta vai não
afreca.

Todos esses ralgos zarahi no Zangumbani
paucho:

- Eubão esse loba Ferreira?
- Eubão esse doubar?
- O chafu alto roubaria o loba-Ferreira?
- Seria o loba-Ferreira que ralgou a sobre-
casaca?

Etc, etc, Zangumbani a que em ralgando co-
mo o Vis-lectas do Leuculo encothendo os

hombrós e fechando os olhos como zona ver se
 erei cogor de alcançar a explicação de tão mo-
 tavel phenomeno.

Enfim, resumindo: a pura patida de bium-
 bra, causou os mesmos effeitos e produzio os
 mesmos phenomenos que a patida do Sol ou
 de Lua do nosso systema Solar.

Tive a significação d'uma grande cobardice
 she!...

Seu amigo etc.

D. L. J. J. J.

x

Figueira = 23 - IX - 1898

Meu caro Coto Ferreira:

Estava agora mesmo absorvido na leitura
 da poesia d'Herculano "A Semana Santa",
 quando me cobraram a porta do quarto e eu vi
 estendido pela porta sobre-aberto um braço ma-
 gro e descaído com uma carta barjada de pre-
 to, pegura nas garras dos dedos.

Tive um sobre-salto... Quasi mysteriosa-
 mente, aquella carta agarrou-me pela abertura
 da porta, de negro, e annunciou-me, a rec-
 condar caveiras e cimiterios...

Enfim, aganei nella, olhei zone a letter do

sobrescritto e conheci logo que era meu. Não-o: e não faz ideia do meu estubo quando dei com a cruz negra ao cimo, com uma caveira, uma fúmbra, uns cigarros, desenhados certamente sob uma grande impressão nervosa, e do huez de medo.⁽¹⁾

Li-o logo do principio ao fim e recordei-me immediatamente d'uma scena identica a que se passou nesse dia do fallecimento de meu tio: foi o dia da morte de meu avô materno, um bom velho, de barbas brancas á Garrett, e bello tambem branco, muito branco, com oculos d'ouro, a quem nós em pequenos brinquemos gelias ferias, saltavamos aos braços e aos hombros, tiravamos os oculos e a quem tiravamos das algibeiras do casaco alguns rebucados com que sempre andava fornecido.

Elle era um bom velho, e esses eram bons brinços! Elle tão bom, tão jocundo, com os oculos d'ouro e os cabellos tão brancos!...

Um bello dia, tambem, já ho muito mais velho, deixando os bons rebucados, ainda pequenos, com o amiguinho que lhes dava rebucados, chos rebucos de chocolate e outros brinquedos e algumas novas moedas novas de cinco reis!...

Bem, muito bons brinços!

(1) A carta e que me refiro está na collecção de cartas, I, com o n.º 5.

É afinal lá morrer, lá foi para o cemitério onde o meu pai e a minha mãe tiveram dois meradores...

Eu lia a sua carta e lembrava-me bem d'esse dia idêntico em que foi toda a casa cheia de desinfectantes, e se ouvia descer as escadas nos bicos dos pés, fallando-se baixinho, mysteriosamente, como se não desgerbar os espiritos máos que passassem pela casa, ás portas... E depois as pessoas da família a olhar-se, como que a interrogarem o que acontecesse, se realmente seria verdade o que o medico dissera...

Recordo-me perfectamente de tudo, das portas fechadas, escuras, com o cheiro a quarto de dormir e minha mãe, lá em cima, no quarto andar, estendida numa cama, com um abaque cerebral; depois, as visitas, gravemente, vestidas de preto, com a massada do esbórme, e os carros lá fora, rodando, e a esgana, e o povo juntando-se para ver a procissão com o caixão no fim, farrado de negro, com uma cruz dourada no centro, levado por seis carreiros brancos, vestidos, cheirando a vinho. Depois o som do órgão, que vinha da igreja, ao pé; o echo das vozes farradas cantando o officio dos mortos; e por fim o estalar das portas d'uma vivenda de carros que se fecham e que lá regressam para a barrada em tempo procissão.

Mas o meu amigo na sua carta dizia alguma coisa para não se me fallasse nisso... É

com franqueza: quem algum tempo para rir e
 vem ter comigo? Comigo, que faço o mesmo,
 a mesma missiva com a mesma?!...

.....
 Tudo isto, meu amigo, faz-me dores de cabe-
 ça; sinto-me mal dos nervos com a aproxima-
 ção d'uma trovada que vejo vir do sul.

É tudo isto combinado com o riso descarado e
 imbecil de duas grossibubas que não me vem
 subindo com os transeuntes. Não sei se
 porque estão subido á mesa a escrever-me,
 mas adrinho-as: caras estagnadas, olhos embaciados,
 mãos azuis e zelo velho, olhos embaciados, ca-
 bellos curtos e saltos, o chaile deitado para as
 costas, a bocca aberta mostrando uma fileira de
 dentes brancos; zelo uso da brôa, cheirando a re-
 fugado, com as chivellas no bico do fôo calça-
 do em meias pretas naturalmente rôtas no
 calcanhar. E lá não me acima alegres e can-
 tando... Alguem talvez ali adiante dirige-
 thes alguma injuria e ri-se da grossa; mais
 além algum engraxador dá-the um zumbale e
 ellas indefesas, riem-se... riem-se mostrando
 os dentes brancos zelo uso da brôa, e quem pe-
 lo se vem atrevido ainda, com fome, andam a
 procurar quem thes dê algum dinheiro para com-
 pra uma dúzia de pardinhas!...

É ainda as oíço, alegres, a rir e o cantar,
 por esse meu além!

.....
 E o meu amigo queris uma coisa para rir
 e para se alegrar!

Bem avisado está!...

Já chame : a trovada rouca. Um abraço do
 seu amigo

B. Ligeiro

x

Do Mario Duque :

Coimbra = 2 - VIII - 1899.

Amico! Accada!

Si uales, bene est; ego ualeo! assim começa-
 us bicero as nossas cartas e assim começa eu ...
 Não me quero confundar com bicero, bem en-
 tendido; hominis proit qui ual y ferre ... Um de-
 generado do século XIX que vai entrar nas por-
 tes e que usa caballeira, não fôde confundar-se,
 é evidente, com o celebre romano que afinal
 não foi mais do que o repositório das mais cele-
 bres frases dos degenerados modernos... mas bem
 vêes, sempre é bom começar por ainda os outros
 começáram... e além disso livramos-nos da
 responsabilidade do começo dum carta que é
 sempre uma coisa difícil e algumas vezes com

promettedora; bem diz o povo: o fazer é começar,
e bem sabes que o que o povo diz é sempre certo
e ás vezes certo de mais.

Mas, realmente, depois de começar, é tudo
um mar de rosas líure e luminoso? Bem vêes
que o continuar também é obra, também é al-
guma coisa... Tu bicha verdade de escrever, de
escrever, farei censurar a ausência de galanias
de que nós fazemos agora penitência obstinada;
mas escrever o quê?... causas pelo povo e pelo
povo? Claro que não! e demais o que tinhe-
mos a dizer, dissemo-lo ante-hontem, quando
tomámos soberalmente aquelle partido de des-
pedida no Luzitano, e de ante-hontem até hoje
nada mudou, mesmo nada, e eu a escrever, é
bem de ver que há ~~de~~ de ser coisa diferente e
novidade para ti, e não como essas epístolas
rajadas e banalissimas que correm aos milhei-
ros por essas ambulancias de Sua Magestade
Fidelissima (e etc!...).

A minha primeira ideia foi escrever - de
uma verdadeira epístola em quintilhas, como
as de Volubino, mas isso graça deia pe tu me
regañasses na mesma moeda; mas tu, um
jurista, não das esse indagarão ás minhas,
não des admittes que te venham perturbar nas
tuas elocubrações (como diz o brasileiro Alen-
car) sobre os commentarios de José Dias e a
rebro-actividade das leis!

Vade retro Sabae! dizia o Hermano ... Vade re-
tro Musae! dirás tu ... e não te zangues porque
deus razão. A justiça não serve para nada ... is-
to é ... enfim, cala-te bocca! ...

Essa decandade egípcia ficará para outro
dia em que eu esteja menos obcecado pelas im-
pressões de auto-homagem e em que esteja mais
lucido o meu órgão cerebral para poder fazer ver-
ros que é coisa que já não faço há dois meses:
nê tu ainda chegas a decadencia! nê tu ainda che-
gas a indifferença d'um homem (digo d'um ho-
mem porque qualquer dia vou é inafectado) por
todo o mundo e tanto de não fazer umas li-
nhas rimadas para acrescentar ás que já estão
naquellas celebres guebas que tu — {oh glo-
ria! ...} — cantavas e bem visto.

Por aqui nê tu que na intelligencia, assim
como no código ~~penal~~ civil se pode admittir a
retro-actividade cuja causa neste caso tu creio
que sabes.

Ubi effectus ubi causa dizia o lobinho,
que afinal não eram nenhuns verbos.

Afinal estão para aqui a dizer asmeias, a ci-
tar lobinho e já vou no fim da benceira sagina!
Ando mellico de verbo ... e por ter ido ver o mar,
o mar ... Enfim, sempre hei-de avançar algu-
mas polleças a este problema que afinal de contas
é difficil; tanto hei-de meditar, tanto posso
hei-de dar na cabeça que hei-de avançar alguma

causa que satisfizes ao meu desejo. E' quebã
de vontade e bem diz o nosso Camillo que o
amor é tão engenhoso como a nebulosa... e
cã que tenho grande confiança misto, mas
não confiança cega, porque essa — se dermos
credito a Shakespeare é a maior inimiga dos ho-
meus.

Paciencia e prudencia diz toda gente e dizio
Cicerio (hoje estã com a bossa gata o labim...)
causatus diuiniun genitulu lex nebulæ est.
(estã fãcas caso se não real...)

Bom, ganho ganho que estã já chego. E dá
uma duzia d'obras no teu invento, o grã Paul
Soares duque (gloria in excelsis deo!...) estã
que o recebe e recebe outras duzas d'allas do
teu amigo, etc, etc
Belizário.

x

Ho' Costa-Ferreira:

Coimbra = 27 - IX - 1899

Amigo:

.....
Ho' bem viu que Coimbra e hoje final-
mente the escrevo estã, á pressa, alguns tan-

do excitado porque venho ~~com~~ do inspecção
no quartel.

Esqueço-me unico! O Antonio Bid e o Cas-
siano, entraram comigo, na mesma luz. Era
de ver nos dias, todos nós, tal como Nosso Se-
nhor nos deu ao mundo, em frente uns dos
outros, muito quando acanhado, quando, abafadi-
co!... O Antonio Bid, com a sua flegma habi-
tual, fazia considerações philosophicas acerca de
mudez d'algumas fabricas que sempre os embri-
cam; o Cassiano, algo negro, gaguejava sempre
o esboço de pés meus no meio do chão... Era de
ver! Curiosissimo...

E eu, com algumas colicas, estava já a
musculatura das pernas, dos braços e do peito, e
pensava se o descomando do exercito chegava a
tanto de me impedirem ainda por um anno! E
é provavel porque ainda não sei da decisão.

Um abraço de

Belizario.

Pub. peritum = Já sei da decisão: fiquei "es-
perado", mas o presidente recorreu para Vizen e já
quei pub. cordia no quartel ainda durmo já
amancha garbir para Vizen.

Umis vergonha!

B.

Dr. Costa-Ferreira:

Coimbra = 17 - X - 1889

Meu caro doutor:

Escrevo-lhe sob a impressão das ultimas noticias vindas do Transvaal, dessa guerra bestialmente injusta, contraria a todos os principios modernos de liberdade, guerra que ha-de sempre mostrar o que vale a força e a ambição das grandes nações que dizem empunhar o pendão na vanguarda da civilização moderna.

Mais uma vez a Inglaterra, avida de dinheiro e de poder, ha-de mostrar o que vale a força e a organização das suas esquadras e exercitos e a riqueza dos seus cofres repletos d'ouro. Mais uma vez ~~estrangeira~~ ha-de mostrar ao mundo que no crâneo inglez a ideia fixe é a ganancia e a ambição, mas olhando sequer a um principio de equidade; e o mundo cruza, certamente, os braços, como causa muito natural para ver de que lado se dá a victoria para depois ir beijar vilmente os pés ao vencedor.

A Inglaterra ha-de esmagar de certo esse pobre herico que não recusa a lucta desigualissima nem teme a ideia de uma derrota; ha-de esmagal-o com o peso da sua força e com a

forças das suas riquezas: e mais um zoro
que geme depois acorrentado ao seu carro tri-
unphal hoje brithante, muido brithante, mas
talvez amanhã um zorro baco e — quem sa-
be? — se em breve exibido de todo!

A Inglaterra vence! e' certo e bem certo;
e' enorme o exercido e poderosas as esquadras:
mas os vencidos e' que perdem os vencedores —
que no futuro, quando se passar for aquella
pagina da historia do seculo XIX ha-de se ad-
mirar este zoro que morreu esmagado, asphy-
xiado, nem que enorme hecaboribe for não que-
nar deixar abar aos seus fulsoz vigorozos a
grithada dos escravos; ha-de se sempre lachimar
a parte daquella nação nascente e amaldicoar
ao mesmo tempo a força brithal e esbuzida
da nação orgulhosa cujo poder, hoje, afinal não
representa mais que uma fraqueza.

A Inglaterra, de grande que e' não se pode
mexer... e se um dia corre, corre, tem uma
aflexia e morte...

Ha pouco tempo ainda, a Europa toda se
levantou grandeza para amigular esse velho
zoro, a Grecia, essa nação tão laboriosa, tão
avida de liberdade, e afinal agilhada co-
mo muidas.

Depois, essa condemnação monstruosa d'
um homem, d'um militar accusado de cri-
me d'alta-traição, como e' o vender o modo

lo d'um instrumento de guerra... Guerra
lembra, como sabiam fazer os conquistadores do se-
culo XVI!...

O anno passado ainda, essa victoria nã e
toda do povo norte-americano, o povo inven-
tor por excellencia, sobre a netha e caustheines-
ca Hergueta, que, ainda com uns restos da
pua netha e decrépita alme de cavalleiro au-
dante, com umas reminiscencias dos seus
bons tempos do Sid e Affonso VI quiz fazer
faca á invasão poderosa desse povo tão bru-
tal como o que lhe deu origem.

E como se isto não chegasse ali temos nós
hoje mais um povo amigilado, mais uma
nação que vai gemer presa e escrava, mas que
ha-de morrer de fé, ha-de morrer quando não
tiver um canhão, quando não tiver braços
para fazer nem uma espingarda. Cahiendo, ha-
de ficar de fé!

E aqui está, meu caro amigo, o final do
seculo XIX, desse seculo britânico, tão cheio
de manchas escuras...

Dizia-se quando se brabou de Dreyfus que
seria uma vergonha para a Europa o termi-
nar o seculo com a condemnacão d'um in-
nocente; e embora a victoria não fosse com-
pleta, como devia ser, foi quasi a justiça,
está certo quanto, Birmingham.

Mas no caso actual o que se poderá de-

zer? A justiça triumphará? Perguntam e a
do e brutal Inglaterra se abandona tão lucra-
tiva empresa!...

Ella bem sabe quantas minas d'ouro jaz
lá ha e bem sabe que jaz ali se vai tambem
ao Egypto e... Lourenço Marques não é má
jousada para recusar de tão longa viagem...

É ahí bem, caro doutor e amigo o que se fez
no fim deste século em que viveram Proudhon
e Bakounine e em que rebentou a Comuna.
No começo do século Bonaparte avassalou ben-
talmente o mundo debaixo das suas aquilas; e
Inglaterra quer succeder o século proximo da
mesma maneira. É veje que, enquanto os ope-
rarios esforçados alcançavam o que queriam
em Cressot, vencendo os quecaucitos capitalistas;
enquanto se propagava immensamente as ideias
liberaes revolucionarias e aequiladoras da poe-
dade tão mal organizada; e Inglaterra, abafan-
do o grito dos seus operarios esforçados que já
davam já, dirige e mobiliza as suas gigantescas
esquadras, cheias de canhões que jorram com-
bater a leguas de distancia!

Que combaste!...

É qual será maior victoria: a Inglaterra ven-
cendo o Transval ou os esforçados de Cressot
vencendo a força do capital que os roubava?...

É hoje, quando todas as nações deviam unirse
velmente deffor as armas e coadjuvarem-se

ininterruptamente para a realisação dessa grande ag-
 theise do progresso humano, como de certo ha-de
 ser a exposição de 1889, com fructuosamente se g-
 ranbe essa grandiosa obra que ficará talvez co-
 mo baliza entre dois camufos — não precisa-
 mente as grandes nações, as gubercias mais
 fortes que se guerreiam, que questionam, que
 querem desfazer-se para se afossarem do me-
 lhor locado, querem enfim que se robe bem
 sobe cambraos: as grêves operarias e a dynami-
 ta triumpham, mas também triumpho o di-
 reito da força.

É um contraste humilhante; e veremos —
 talvez — que o reculo em logar de marchar en-
 tre os dorados e zolas d'uma festiva exposição,
 talvez que marchar com o barulho insurdecedor
 dos tiros dos canhões dessas machinas de guerra.

Enfim, os jornaes nos darão depois noticias
 largas de tudo...

.....
 Povo de navegadores! povo de navegadores!...
 Esgeras indifferentemente o destino que has-de
 ter!...

Que é feito do sangue português que se não
 sabe guisar em canção alguma? Que é feito
 desses bracos que manejavam o manto
 como hoje se move uma vergasta? Que é fei-
 to dessas caravellas que iam por esse mar fóra,
 em busca do desconhecido? O que foi feito d'os

na fé robusta que levava essas pobres criaturas
 á conquista do mundo, que os levava a combater,
 a batalhar, a navegar, para depois, debaixo do es-
 tampanho de manta esconder a imperfeição do
 seu ser?...

Já lá não, já morreram, como tudo mor-
 rer para nós...

Dizei como o Tiboncio dobras: ai de Lusíada,
 contado!... Tudo morreu.

Seu certo e dev. amigo
 Bilizário.

x

Do Costa Ferreira:

Coinhã = 30 - X - 99 (10^h de noite).

Meu caso doubar:

Recabi agora mesmo o seu bilhete postal que
 muito me admirou e ao mesmo tempo me
 deu prazer.

Fiquei contente por saber que a jamba o en-
 controu bem e até para servir o faz como
 seu soldado, como homem que ergue o rosto em
 defesa do terra onde nasceu.

Eu também estou nas mesmas condições do
 meu amigo: também sou soldado e creio que de

As vontades iria parvir minhas canjealhas...
 Já jurei sobre os bravos que havia de pen-
 sara defender a glória, o inimigos internos e ex-
 ternos e... e... (e o rei)...

Jurei tudo isso, embora esse juramento ja-
 ra minha mão dentro valer alguma...

Tem breves vestirei uma farda: em breves dei-
 tarei obaixo esta minha cabelleira arbuta e bo-
 nita, regendo a opinião das raças; dentro
 de pouco tempo terei de deixar os meus hábitos
 de gusador e de joia (!!) para tomar outros
 bem diferentes como são os de soldado aindo que
 com uma estrellta dourada na manga...

Tem breves deixarei esta minha vida desgreocu-
 sada e algo bohemnia de rapaz para ser que olhar
 de uma outra maneira bem diversa o meu fu-
 turo, a minha vida, que não é já a mesma
 que souho sido.

Ade aqui nada me grandia: calo narizada ao
 humero, cabelleira polta, gravada com as fontes
 de fé, desgreoculado, cabulo, regulada, indis-
ciplinavel... E agora, o futuro? A calo e be-
 lina é restribuida pelo farda com botões dou-
rados, brithambes, chamando a attenção das ra-
ças (como é o Arbório bid, com toda a
philosophia...). O guro guro, canjeido, dos esbu-
dares ambigos é trocado pelo guro bonnet
redondo, numerado, com um numero dourado,
tudo brithambe; e a cabelleira, com guro que banho

Trabalho me dá ao levantar do cabelo, que bae-
 tá sauga cabelo aos cabeleireiros; ha-de ser deitada
 o baixo, é thesourada, injunemente por algum
 barbeiro fallador! E deixis, se algum cabelo cres-
 cido tiver, que se acolta para dentro do bouquet por
 causa d'algum bouque-ajudante regentão.

É esta a mudança da minha vida! Se tenho
 gressa em chegar a casa, tenho saudades em dei-
 xar a outra... Quando vestir a farda, hei-de-me
 lembrar da casa e da babina... Quando no serviço
 do quartel eu estiver fazendo alguns guardas, alta
 noite, em noite de luar, hei-de-me recordar muito
 bem que áquella mesma hora, em Coimbra, com
 a casa braceda, empunhando uma quibarra, mui-
 tas vezes eu ia tocar debaixo de cerbas e de benei-
 nadas jaquellas...

E assim se mudou de vida!...

Bem diz D. Francisco Manuel naquella lição
 bem nosso conhecido: qualquér mudança causa
 estranheza...

Mas deixemos estas recordações da vida da
 rapaz; eu não hei-de ser sempre rapaz e alguma
 vez havia de pensar a sério na minha vida e en-
 carar o futuro frente a frente, tal qual elle se
 me apresenta.

Agora é nella que eu devo pensar, porque é
 nella que estão todos os meus projectos, as mi-
 nhas aspirações. E' olhar só para ella que o que lá
 vai, lá vai: aguas passadas não movem moir.

nhos. Deixar as pauidades que as pauidades... as pauidades... não são coisa boa. O que é preciso é crer alguma coisa, ter fé alguma ideia, para que se caminhe a direito pelo deserto da vida fora... E depois, então, se essa ideia se tornar real se essa luz se conseguir agarrar, então, devemos dar-nos por satisfeito.

No entanto, apesar de deixarmos seguir um certo caminho, apesar de precisarmos de um bocadinho de utopia para viver, a vida deve ser encarada pelo seu lado positivo...

E então vejamos: a vida militar, por exemplo, não é hoje nada do que era antigamente; hoje vamos para uma guerra, não expor-nos como outrora, com a fé em Deus, esperando morrer pacificamente, para poder ir para o céu, em busca de melhor vida... hoje marcha-se para uma guerra por uma ordem superior, técnica, imperativa.

E depois, o que é hoje uma guerra?

Um bom atirador mata um pau pini-thau. Um bom recurso maninha a cantinas de soldados. Um canhão Krupp destrói uma fortaleza, algumas pedras, a legas de distancia. E assim se caminha!

E as causas das guerras?...

Caruzes! Olhe para o Transvaal, para essa grande infamia dum povo que é forte, e que quer erguer um outro que é mais fraco! Olhe para

Todas essas guerras do século XIX e admire! Pode mesmo até chorar que não é vergonha nenhuma.

Diz o meu amigo no seu lithete, que talvez um dia nos encontremos na alguma trincheira, entre punhos de ferro, e raios de Johnson, combatendo... É possível e, com franqueza, até o desejo mas não permitindo interesses dessas poderosas nações aidas de Dulseiro e Zoderio mas sim defendendo a minha terra, como o fizeram os meus antepassados, defendendo-a como agora o estão fazendo esses valentes bravos lá ao fundo dessa Africa que me — ou então no alto d'alguma barricada combatendo pela justiça e pela razão contra o despotismo d'algum poderoso retrogrado...

E eu — Zambueira! — como lamento o não ser como esses pessoas velhos, cujos feitos seriam as todas essas chronicas e relações! Não poder eu, sofrer o montante como sofriam esses valentes da Ilha dos resuscitados! Não poder ser o cavalleiro famoso que era o conde d'Aranches! Não poder ir com esses visionarios, nas lindas caravelhas do Infante ajudar a procurar esse lendario Prestes-Johann... a ir combater esse moirame pelas terras d'Alfrica e ser armado cavalleiro em algum campo de batalha... e depois, em campo ou estacada, ir de chus anglicos e escudo de varias cores, combater por alguma linda donzella!...

Bellos tempos, esses da cavallaria! Bellos tempos os das navegações em busca do desconhecido!

É hoje tão fraco que pomos! Ille dois seculos
 não se fugia de uma forte columna d'obacambas,
 como se fez em Dien: hoje foge-se deante de meia
 duzia de garotos alpedrejadores, como acombecerem
 em Santo Antonio dos Olivares...

Bons velhinhos guerreiros do seculo XVI: mui-
 to mau fructo deu a vossa geração!

É Joio gregico meu amigo, robustecemos - nos
 physica e moralmente, mostran. que ha ainda
 alguém que alguma cousa vale; é gregico não es-
 quecer que os nossos avós combatteram em Dien,
 em Camba, em Mozagão, que foram á Ameri-
 ca e que foram armar cavalleiros no Sinai!...

Deusai, caro doutor, um abraço do seu

amigo e camarada
 Belizário.

x

Jo Costo-Ferreira:

Coimbra = 10 - XI - 99

Meu querido doutor:

Mal imagina a impressão sob que estou es-
 crevendo esta carta; mal imagina como estou
 hoje debaixo de uma certa excitação nervosa que me
 fez tocar no gano, ainda ha pouco, umas musai-

cas funeiras... Fiz hoje uma coisa que não teria ousadia alguma mas que não me teve-a e teve-a com bem fundadas razões: cortei o cabelo, é militar!... deixei abaixo a minha cabeleira que eu havia há tempo de cinco annos, sempre crescida e redonda!... transformei a minha cabeça de intellectual em uma cabeça de soldado de infantaria n.º 23, do 1.º contingente, do 1.º batalhão!...

Já é feita a transformação!

A cada tesourada que o nosso amigo Henrique me ia dando no cabelo, mais um cabelo dos que eu deixei na minha feição como engenho na favela que ia desajustando e sumindo-se; mais um desengano que se succedia a um engano...

Está consumada a obra!

Podem rir-se esses idiotas, esses imbecis, esses javos que por ahí nasceram embarralhados n' uma calça e numa bobina...

... isto não é propósito de eu ter cortado a cabeleira, caso celebre na minha vida como nos annos da historia das cabeleiras se tal historia e tais annos existem.

É creia, já de brincadeira, que me custou e custou muito; andei excitado todo o dia, tendo medo de chegar á noite que tinha desobediado para tal acontecimento; andava encommodado, não

sabia o que tinha; fui ao photographo e tirei o retrato, o ultimo, o da despedida... e á noite, então, como quem nao assistir á morte d'alguem, cortei no cabeleireiro...

Quando de lá parti trouxe o cabelo quasi todo, e alguns mechados d'elle nos bolsos da babina...

E foi assim que eu fiquei com cara de militar, com cara de recruta, ou de galucho que em breve andará com uma espingarda ás costas, com um feto de linho a dizer

— Um! dois! tres!...

e com umas botas muito grandes, nos pés... fantasias!

E eu começo a fantasiar!

E' já costume antigo esse, o de formar castellos no ar, garaisos encantados, futuros extraordinariamente felizes! E' já muito velho em mim esse maldito habito!

Mas depois a queda...

O meu amigo bebe no pube, como bebem umha munda, impassivel, com todo o ar de quem tem a vida braxda; e eu... eu, garisco que esbou minhas encruzilhada donde garben dezenas de caminhos e fico-me a olhar sem saber qual tomar enquanto que o meu amigo lá vai peguendo uma estrada qualquer, em linha recta, a fazer das pedras a dos cardos...

O meu amigo já me vio tomar varios: todos elles levavam o meu lindos castellos encantados

mas bem via que alguns dava alguns passos, e os
 res castellos se desfaziem deixando ver algumas as
 ruinas d'um velho jardim...

E' que eu via tudo com os olhos da Ilusão, via
 por um prisma bem diverso. Mas, começava...
 e acabava...

Agora estou militar. Tomei esse estrada com
 animo, com modos de quem está resolvido a lu-
 char embora se desfizem os lindos castellos eican-
 todos consumidos no ar...

Com o positivismo rude e grosseiro da vida,
 já eu conto e com fundadas razões; mas estou
 desgosto a lutar.

Estoudo uma farda e envergando uma es-
 gada ou uma espingarda sou um defensor da
 glória e por elle hei-de combatter de vontade; pen-
 do soldado tambem o fozzo por um dia de justi-
 ça e de liberdade quando a força ou a iniquida-
 de nos quizerem ligar a consciencia. Sererem,
 como soldado morrer reuni reduto ou reunos bar-
 ricadas sempre defendendo a causa justa e a cau-
 sa mais nobre; morrer como se morria no recu-
 lulo XIV e XV, combente por ter feito alguma cau-
 sa e por se ter pido util e ideia que se defendava
 justa e pã.

Enfim, meu caro amigo, para me resguar-
 dar do positivismo de todo este mundo, irei
 procurando agasalho no meu velho Fernão Lopes,
 no Lusitadas, no Frei Luis de Souza, no Banno,

no Aljubarra... Ahí se devia aprender antes de
 ser soldado da Gália; ahí se devia ir buscar as
 melhores aspirações que pôde haver; ahí se deve-
 ria buscar conforto contra todo este mundo tão
 mal pensado... Ahí se deveria aprender a ser fan-
 tiqueiro antes de ser soldado; a ser soldado antes
 de combater, a combater antes de se exjar e
 morrer e a exjar-se e morrer e a morrer como se
 morreu em Dien, como se morreu em Aljubar-
 róta.

É depois de aprender tudo isto, então, procu-
 rar o Eldorado, é aventura, mas desconhecido
 em fãra!...

É mais noite. Vou-me deitar e ler um per-
 meo do padre Vieira. Muito boas noites.

Um abraço do seu amigo
 B. Ligeiro

x

Do Costa-Ferreira:

Coimbra = 3 de dezembro de 1899

Meu caro doutor:

Tenho andado bastante occupado ultimamen-
 te com um novo trabalho historico que ha uns dias
 engelei. Mas uma vez me vai eu a fazer

nas bibliothecas, entre livros velhos e galegos, que o Bento me dá de muito sua vontade, e quanto que cá fãra, em dias bonitos, o pol grande de invenção, agreeing do esses canções que vão mudando de cãr, toda a gente galega, petto feita da sua vida, chamando fãra a quem se cança... A vida é curta, dizem elles, e afinal, cançadamos, tem razão.

Mas o meu amigo tem parte quanto me entusiasmo por nossas galegas fãras, pelas nossas maiores glorias, por esses tempos em que merecia a fãra viver, fãra que então sabia-se viver, diga-se de fãra-gem; parte o quanto amo o ir fãra nos velhos chronistas massadores, as datas, todas as particularidades desconhecidas de seus factos; destingar as verdades, das lendas que com elles andam misturadas; parte tudo isto e com certeza não se admirou quando leu que ando comprehendendo um novo trabalho historico-feito á luz das chronicas.

E eis o factó: D. Eobevam de Gama, segundo filho de Vasco da Gama, e nomeado governador de India em 1540 fãra depois daquelle cobrindo cerco de Diu defendido por Antonio de Silveira, fãra muito, um dos melhores portuguezes homens. Os peruanos, os que atacaram Diu e os turcos, tinham ido desbaratados recollar-se ao mar Vermelho, ficando uma grande quantidade de navios em Suez fãra se prepararem fãra novamente voltar á India. D. Eobevam, fãra, não lhes consentiu tal; quiz ir em fãra destruir esses navios, inutilisando o seu principal meio de ataque, e os de vez.

A armada preparou-se e eil-o ahí nae, em demanda do estreito, com uma grande armada, onde iam os ginecigos fidalgos d'então, todos elles illustres, nobres e já conhecidos pelos seus feitos, fidalgos de que a India, diz Andrade no seu Chronica andava bem fornida então.

Entram no estreito, não sem Terivelho em fóra, de victoria em victoria, de combate em combate, levam porção ao Presb. João de Altrioja, guiamam as galés lincas, entram em Suez e em Tãro; e então, gloriosos, e decididos por serem os ginecigos europeus que entraram naquellas regiões em nome de guerra, marcham guiados por uns religiosos do convento de S. Catharina para o monte Sinai, para esse monte tão celebre por andar ligado a elle tanto tempo da historia pagada, por ser nelle que Moysés recebeu do creador as taboas da lei — e ahí, em presença dos frades atterrados e confundidos, ante a admiracão dos naturaes e o medo dos turcos, D. Estevam de Gama arrou cavalleiros varios nobres como o glorioso D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, o celebre D. Luis d'Althayde, o futuro valente Vico-rey e outros mais que o acompanharam nesta audaciosa como extraordinaria ~~exped~~ façanha.

Estava pois tudo acabado; a acção acaba aqui; arriam-se cavalleiros no Sinai: estava tudo gravito; só restava voltar. E voltaram á India nas mesmas fustas e galés...

Houve certamente surpresas de maior muito, de

maior emblema, de maior valor do que esta, na India; mas o que não houve, digo e afirmo, foi engraças com a significação desta; a scena de annos cavalleiros no monte Sinai, Gerô da terra de Promissão não tem precedentes na historia; é um facto que resume em si uma das ~~as~~ feições do espirito portuguez da epocha; tem um alto valor para quem vê a historia não como a successão logica dos factos mas sim apreciando-os debaixo dos seus varios aspectos e estudando mesmo a sua importancia psychologica e moral.

Erão esses bellos tempos em que se annuviavam cavalleiros no Sinai e se resistia em Din a milhares de turcos assaltantes dentro de muros esboroados, calidos, durante alguns meses, á fome e á chuva... Bellos tempos esses em que, como dizia um rei de Cambaia (segundo refere Diogo do Couto) os portuguezes faziam a India forte e poderosa com tres cousas que levavam de Portugal: verdade, enxada larga e portuguezes de oiro fino; quando isto começou a faltar, começou a India a decahir.

Bellos tempos esses em que, quando era preciso defender a bandeira da patria, quando era necessario atacar uma fortaleza, uma armada, todos se juntavam, unidos, como um só e assim se conservavam fortes, indomáveis, invencíveis.

Para não recuar e não fugir, D. Lourenço, de vinte annos, filho de D. Francisco d'Almeida, deixou esmagar e vencer a sua esquadra, morrendo com

quasi todos os seus canhões na barra de Chaul, para não se entregarem, em Diu, dois honras, os dois honras, com uma das muralhas do baluarte do Mar por terra, fizeram face durante duas horas a uma chuva de atacaes incançados pela resistência; morreram... do cerco de Colymba, um fecho de honras, os únicos polvereiros da fortaleza (isto foi já no sec. XVII) resistindo ao ultimo ataque, morreram cantando uns versos de Camões, como derradeira consolação... do segundo cerco de Diu, o vigário João Boetho trouxe rapidamente a cruz e o missal pela colada, e pelo escudo de combate... Diogo Botelho Pereira vem sempre justa e genuína de Diu a Lisboa, anunciar a D. Manuel que aquella fortaleza tinha sido conquistada por algum da Guiné... e assim se enumeraria muitos e muitos casos de que as nossas chronicas rellas estão cheias; e por final de tudo, de tanta audacia, de tanto valor, de tanto heroismo, D. Estevão da Gama não arrua cavalleiros no monte Sinai...

Éra só o que faltava.

Os nossos, meu caro doutor, consolemos-nos com isto, porque hoje... os portugueses, bem o grevis Camões, estão como se, noidos pelo pythlis e consangüidos pelo viúho, em geral; não valem hoje, uida que valentes, um decimo do que valiam; não comprehendem como é que se foi a India, como é que se conquistou em Diu, como é que se suborreu em Colymba...

É que não tornem a ir por a India, bem se o di-

zia o rei de Cambaia, vendade, arçadas longas e garbue-
gueras de ouro fino...

Comhecendo, creio que rasoavelmente o meu feiço,
levo comprehendo como eu gosto de me entregar a es-
tes estudos, soude vejo com aquella simplicidade e de
de linguagem dos nossos velhos chronicistas, chamados
esses factos gloriosos e consoladores para aquelles que, co-
mo eu, sentem em si e nos mais a decadencia da na-
ça e que sentem ainda mais o pesar de não poder fazer
renascel-a á altura a que se chegou ha tres seculos.

Recordar é consolar, diz um governo e eu cá
vou indo todos os dias, caminho da bibliotheca, embren-
thado na calça, com o cabelo cortado, estudas, ler, su-
vestigar essas greguemas gromemeras dos grandes factos
importantes. É uma consolação... é o que nos resta...
e nem uma esperanza, ao menos, nos é licito ter...

Dejois dos cavalleiros do Sinai seguir-se-hão au-
tros: o de Salvador Ribeiro de Sousa que foi rei do Pe-
gu; Martin Affonso de Sousa; Antonio da Silveira;
Ceytas Portuguez, ete, ete, e muitos outros que irei des-
cubriendo nas minhas leituras de livros velhos e d'an-
tigos e desvairadas linguagens.»

Do menos aprendamos com estes exemplos a ser
alguns como; aprendamos a ser Portuguezes como el-
les foram; e combater como elles combateram; a mor-
rer como elles morreram; digamos aos anarchistas
que esgerem algum bocado, e reunamos-nos todos
para combatter ao lado de Portugal, para que elle não
seja riscado do mappa das nações, para que elle combi-

meu a existir, mais mais rigoroso e mais forte; agradeceremos, enfim, as escolas que têm como livro principal adoptado os Lusiadas, como professores aquelles que foram á India, que combatteram em Dien e que foram armar cavalleiros no monte Sinai...

Um abraço do seu amigo de
Belizário.

x

Do Costa-Ferreira:

Coimbra = 19 de dezembro de 1899

Meu caro senhor:

Recebi a sua carta: ha uns dias já que esperava noticias suas e quando me levantava ia logo ver ao correio se tinha alguma carta para mim, se tinha alguma coisa desse Costa-Ferreira, o desejado que parece que só quer aparecer como o D. Sebastião, rodeado d'uma tenda... que parece que ficou preso a esse Porto monobanco, pesado, gravitico, escuro, cheirando a pebo e a tarraucos... que parece que se não lembra que neste abençoado terrão portuguez ha culos humanos que não imaginando uma tenda, um desafazecimento mysterioso do amigo, mas que contudo esperam que elle venha minus manha de neve... no caminho de ferro

da Comprehensão do arte... O quincilh, Jonem, e que
recebi a almejada carta...

... Lembra-se certamente muito bem dos conse-
lhos que me dava, e a sua carta veio avivar-nos,
mas que quêr?... os theoremas d'algebra e geometria
descritiva são bem mais fôrtilvos e bem mais (sem
comparações) amargos...

Tenho, como bem sabe, a negação terrivel aos estu-
dos obrigados, ao ponto que pou calge de me dedicar
dias e dias, como tambem o sabe, e outras cousas,
simplesmente por devoção. Bem o attestam o padre
José Agostinho de Mescedo, a desculenta da Madeira e
e os "cavalleiros do Sinai", assim como tambem são
cazados de o attestar o Henrique de Figueiredo e o mo-
ro Sousa Gomes...

E é esta (e com mais algumas variantes...) a
minha vida! Assim vivo, tendo vontade, mas sem
está ter força. Bem dizia emquelle gitanesco pro-
go que fiz á "desculenta da Madeira" que a minha
vontade é tão fraca, tão doente, que necessita por si
de algum caridoso auxilio para ir a algum fim e
sem desdouro. Disse-o e é facto. Quantas cousas
tenho emprehendido e morrem ao começo! Quantas
cousas tenho pensado e morrem no proprio pensa-
mento! Quantas cousas tenho desejado ardentem-
mente e com sinceridade, mas sem fazer um qual-
quer esforço para as alcançar!

É que a vontade de ferro, a vontade domada
na dos mundos dos nossos antepassados enfrange-

com, como tudo o que dellas trouxe... essa variedade que pertubegava os meus caseiros, as suas tendências, que pertubegava os homens cujas tendências eram ás vezes muito iguaes que as do mar, foi-se dividindo, enfraquecendo, até ao que se vê... Tornou-se de tão indomavel e feroz que era um gato, caseiro, gôlo diabo, dereminhoso e gacato: e cantudo a raza é a meusas...

Tudo isto veio a propósito de eu querer fazer das minhas cartas um esboço para a minha vontade, que sendo recordar os meus accosits, os gemios, querendo mostrar-o como homem que está e onde está simplesmente porque quiz, como homem que traçou o seu caminho ha muito e que não se desviou d'elle; mas as lições... as lições...

Estas quatro, cinco, seis horas pentado a uma meza para no fim de tanto tempo se saber que $a + b$ é igual a c e que um plano é perpendicular a outro quando o é. (o Burra não diria melhor) deve concordar que é algo importante... Não é que eu não goste das mathematicas, zelo escurario; mas... não gosto dellas como cousa obrigatória...

Em resumo: é a falta de vontade...

Eu, que ando sempre a fazer dos meus projectos para mim os realisar, eu que ando sempre commettendo ousados eulphorismos para muitas vezes os começar, eu que, tudo quanto tenho querido, tudo que tenho fallado!

Isso são queixas, afinal, lamentações de um ho-

mim a quem faltou a mocidade... a quem faltou a parte da vida que nunca deve faltar, e que está hoje indiferente a tudo, descrente em tudo, deste e do outro mundo...

Queixas, ao menos, e lamentações... (Que diriam os honraes d'Aljubarrota se fizessem uns descendentes assien?)

É francamente: quem não acredita neste mundo e quem não acredita no outro, o que é que deve fazer? É um problema cuja solução é facil em vista do nosso grande e adiantadissimo estado de civilização... É verdade, vejo: devemos esgerar na idade futura, no ideal puro da liberdade? Devemos, mas não hei-de ser eu, embora me seja melhor que o hei-de ser. Na vida presente? Oh! era, como eu a julgava era uma grande tolice! Faltou-me, como tudo... Restou nos a vida passada... o Portugal velho, d'Aljubarrota e da Asia, com uma cruz vermelha de Christo na bandeira! Devemos crer nelle?... Os honraes d'agora, não com certeza: não! Mas eu digo a verdade: devemos! Devemos crer na nossa vida passada e na vida futura, e da liberdade, e para ella devemos combater, mas na vida presente... não, muito menos não!...

Óra pois, meu amigo: descrente, indiferente a tudo o que existe por esse mundo de Christo, não deverei ir consolar-me com os meus classicos e chronicistas que nos cantam como eram os nossos antepassados, como elles combatiam, como elles

morriam, como elles falavam, e até muitas vezes,
 como elles cecriam? Não deverei antes ir palmejar
 esses netos discursos arrazoados dos guerreiros da
 Azia em logar de ler esses livros modernos que são
 bem mais amostra do que se é hoje? Não deverei
 abrigar-me á porta d'essas grandes virtudes huma-
 nos, desses honores extraordinarios, contra as tro-
 ças, contra os risos alvares dos civilizados d'agora?
 Devo-o, com certeza. E é o unico abrigo...

Caracção feminineo não o ha onde me recolta,
 nem eu encontro um sufficientemente grande joia
 que possa servir-me de abrigo contra tudo isto...

Que me resta?... Os amigos? Os amigos não
 honrem... e chegamos á conclusão (veja o que é
 o mundo) que os amigos, e amigos de ha seculos, é
 que podem consolar um desgraçado do seculo XIX!...

Como o mundo é!...

Um abraço do seu amigo etc. etc.

— D. Liján —

x

Ao Tio José Pimenta:

Meu querido Tio:

Diz com razão D. Francisco Manuel de Mello
 no seu Carta do zéia que qualquer mudança em
 estrangeira. E é bem verdade!

Lembrei-me esta phrase por calcular o seu esgou-
to ao ver esta minha carta, tão pegada a um ou-
tra; o que de certo lhe deve causar estranheza e com
bastante razão, mas enfim, o papel é um dos meus
maiores amigos — disse-o não sei quem — e não
tendo aqui a mão com quem falar, nestas cousas to-
das, escrevo-as aqui sem ordem, quasi, desordenadas,
como a maior parte das ideias que giram no cere-
bro deste meu sobrinho...

Fogo deste papel de linho nacional, o refectorio de
minha casa em que juro e em que medito e ali
lhe mande tudo pelo correio, todo esse conjunto he
heterogeneo de pensamentos, ideias e modos de ver...

Estou agora assim, num periodo de aborrecimen-
to e de... colicas. Tenho gois, ignorancia e se não
estiver para ler tudo o que lhe mande, mette as ma-
nos estéril e sem nenhuma gaveta para quando eu já
não fôr capaz e olhar com olhos um pouco mais pec-
tificos este mundo todo, poder ler estas cousas que es-
crevi nenhuma e decha melhor... ou ler, e poder as-
sim recordar-me dos meus desavore annos (de-
savore annos! estou velho!) e do minha vida de
Coimbra.

Quero ainda saborear esse gosto amargo dos infe-
lizes a que Garrett deu o nome de saudade que é
tambem o prazer delicioso de acervo esgouto, e que
enfim é muito mais que se não poderá ex-
primir, for maior cerebro que se tenha, for maior al-
ma que se possua, mas que ha-de ser sempre —

Jana quem a comprehendida — um tormento e um verdadeiro tormento. Quero então ter recursos de ter querido encubrir debaixo de uma austeridade afarsante e de certo gosto hygocrita, uma verdadeira alma de rapaz, cheia de imagens e phantásias dos seus gloriosos antepassados: os que andavam no mar e os que combatiam em terra em prol da sua patria — e cheia tambem dessas modernas ideias todas, d'esse vendaval enorme destruidor dos antigos preconceitos e crencas. Quero enfim chorar (milagre!) esta minha mocidade que eu passei entre livros (não os das aulas) a ler, a escrever, a rabelisar, Jane no fim de minhas de trabalho ter quasi a certeza de que a Madeira foi descoberta em 1420 por Zarco e Vas Teixeira, Jane saber que Vasco da Gama não partiu de Lisboa a 8 de julho, etc, etc.!

E foi Jane isto e mais Jane saber quantos reis houve em Portugal, quantas cidades quebrou o Albuquerque, quantos castelhanos estolou D. Nuno Alvares que eu conservei a mesma idade!

Quero ler depois isto tudo, com vagar, quando for velho e usar oculos e admirar estas prophcias que faço, com a sciencia de que verdadeiro astrologos...

.....

Mas guarde, guarde tudo isto, que sempre são recordações da mocidade e mais Jane deante sempre é bom ir-me recordando este tempo.

Quero-me tambem lembrar da minha casa d'as

tudavia que já está tão melhinha, da minha batina,
da minha cabelleira... e lembrar-me deere terço
em que se anda — como diz o Eubônio do leze — vesti-
do de lucto (e quem sabe se lucto auctuado por deixar
a vida de rapaz!...) mas apesar de tudo, lucto exte-
rior; e recordas-me meus da minha terra, desta en-
cantada Coimbra, afogada em cheiros e palmeiras, a
terra das tricasas, das canções tristes, e terra d'amo-
ras, como dizem os poetas.

Enfim — por essa vida adiante, se eu for vivendo
— hei-de me recordar de tudo isto e de muito mais
e hei-de escurdar que não ha cousa como ser rapaz...

... ..
Um abraço, etc, etc, do

B. L. J. J.

Esta carta tinha apenas para attestar a
epocha em que foi escripta, o anno de 1899;
mas sei já que parece-me que devia ter sido
feito em dezembro; e pelo que me diz
parece ter sido a primeira de um projecto
de serie de cartas a meu tio José Pinheiro
e que felizmente eu não escrevi.

Este meu tio nunca deu uma grande
importancia ás minhas cartas... litterarias
e talis, por isso eu não continuava. As car-
tas aviam sempre saudades, de modo
que parecia me desanimarem quando a
minha litteratura desanimava contra
ella...

= 17-V-910. =

Ào Costa-Ferreira:

Maíra = 11 de novembro de 1902

Meu caro Costa:

Agora que já sou capaz de contar successivamente o que houve e se passou na minha viagem para um commento, vou ver se lhe dou uma ideia. Uma ideia, sómente...

Tudo foi triste: a partida, a viagem, a chegada.

Tudo triste e bem triste. O dia tinha assumido um ar; um nevoeiro pesado, humido e frio envolvia Lisboa; quando me levantei e cheguei á janella e a abri, vi lá em cima as ruínas do barão como que encobertas por um tênue veu, apparecendo principalmente como uma mancha escura as trejeições que sobre as janelas velhas apparecem do mosteiro de S.ª Justa. A terra do camagueirão apparecia só no seu contorno e se olhava para o lado do elevador de S.ª Justa, via-se sempre alguém que passava apressado, a fugir da humidade, encoberto e curvado.

Carros subiam e desciam a rua do barão; gente passava para os seus trabalhos diarios; um velho cego berriava na rua. Hora: « é este o 35! » todo notto e miseravel. Uma pobreza em frente sacudia um tapete, e eu pensava no que seria Maíra, esse desterro para onde nos mandavam, esse penão onde tinhamos

de passar uns dez meses! E ia abotoando a minha
nova farda, pensando em que... iaamos para um
convento!...

Fui almoçar e francamente almocei bem. Fij as
malas e poria uma hora, a estação do Rio de Janeiro estava
cheia de aspirantes.

— Vamos para um convento! diziamos nós uns
aos outros, riudo.

E as familias despediam-se; abracos, adeuses e o
«até breve!» requebiam-se.

Alguns, mais ou menos, os rapazes enchiam as
garinholas e fallavam para a mãe; e eu, mettido ao
fundo da carroçagem, sem intervenção de quem me
despedir, pensava no tempo de tirocinio, no que se-
ria Mafra, se me deixariam ir á bibliotheca, em
que passaria o tempo, o que faria, enfim!

E o comboio partiu, com bastante gente minha.

Deixei do túnel, empurrando o comboio ia atraves-
sando os logares conhecidos de Beneficencia e Pôrto Alegre,
conhecidos dos trabalhos de campo do mesmo tempo da
Escola, dos dias passados alegremente pelos campos,
fugindo ao capitão professor, nós iaamos recordando
as garfadas que se nos fizeram, os jantares que co-
mumamos, os ritos em que nos escaudiamos.

— Lá está o retiro do Fodista! dizia o gaudezo do
Garças de Moura, apontando para um rito coberto de
grandes arvores e com mesas de pedra, ao lado da
linha.

— Estava eu ali a bater o fado, quando afirei

o caditão, dizia a mim o barão do Bocaim. Foi um bo-
cado bom...

— Foi uma boa zjada, acrescentou o Helder.

E o comboio peguia. Eucluy agradeceu com a sua
meus mata real. Para o sul a Serra do Alfagida onde
tivemos um combate pimentado e numa curva de
linha vimos como uma grande mancha escura,
recortada, a Serra de Biúba, com os seus pinheiros
curiosos. A Jazagem por Barcarena regámos gra-
ças á fabrica de Jolvora: é que a fabrica veio lem-
brar-nos a aula de Exflorivos, do Oliveira Simões.

E a chuva parecia a cohir, miudinha, inderbi-
mente; eu ia refastado de tristeza e de frio, encolhi-
do na carruagem, vendo com admiração a alegria
dos outros. A chuva fugava os vidros da car-
ruagem, deixando zepherinos zontos brilhantes
que desalganeavam e o comboio parecia mais rousci-
ro, parecia mais vagaroso, mais massodan. E eu
via tudo lá fora da mesma côr, tudo zardo, tudo
coberto zela neblina e via como seria triste a nos-
sa entrada em Mepra, assim, com um dia d'aquel-
les! Seria certamente uma entrada triste, assim
como seria triste o tempo do Tiocínio.

Quando o comboio chegou ao Bocaim o Helder foi
generoso: comprou 18 queijadas de Biúba! E, en-
quanto dezois a machina se esforçava por subir a
grande subida para o Sabugo, assalgando, nós
conversamos tudo com a goluscinha natural de quem
sabe que em Mepra não vai encontrar doces.

Mais acima perguntai eu a um que ia á ja-
nells:

— Já lá se vê o convento...

— Já se avistam o carrilhão... acrescentava o ba-
rão do laceru olhando por cima das lousas com o
olhar alegre e despreocupado de homem feliz.

É o carrilhão, o celebre carrilhão de Mapra, pas-
sam a par o assombro da conversa. Todos diziam que
devia ser curioso el-rey D. João V a fazer pelas argo-
las dos badalos, mesmo entusiástico beato, para con-
seguir tocar uma ladainha!...

O barão declarou logo que queria ir ver no dia
seguinte o quarto onde dormia o rei D. João V para
ver se ainda cheirava a fexado!

— Por força que ho-de cheirar!... acrescentava.

É com a conversa o comboio chegou, sem eu dar
por isso, á estação de Mapra.

Foi uma decepção!

Para o norte um calco enorme, arido, negro;
ao lado um outro mais baixo, também arido, por
entre os quaes a linha ferrea desaparecia. No ponto
a glacie coberta de chuva⁽¹⁾ e para o outro lado
uma colina talava o horisonte. O terreno escuro e
cheio de pedras calcareaes negras e o resdeito de convento,
de carrilhão... nada!

Nada que ver, além de uma estrada ruac-adam,

(1) Aqui ha engano evidente: de certo a chuva cerrada que es-
tava me deu a impressão de glacie... [folha, 19-V-916].

aos zig-zagues, pelas colinas fôra, para os lados da villa.

Junto da estação havia muitos carros. Pigéto, char-à-bancs, laudeaux, victórias, carroças e cavallos! Faltá de meios de transporté não havia e eu e mais tres rapazes que tínhamos mandado ir em um carro, tomámos logo conta delle e nelle collocámos as nossas malas. Era um carro descoberto; o céu, esclareva-se mais, mas nesses assim, era amarelado. No entanto... nós estávamos dispostos a tudo! Chuva, vento, trovoadas, que viesse tudo e nós suportáriamos resignados, indiferentes!

Olhámos uns para os outros com ar de quem se sentia condemnado; só o barão com a sua alegria communicativa, conseguia dar a nota alegre no meio daquella tristeza não menos communicativa.

D'ahi a pouco uma enorme fila de trens parava pela estrada, como numa festa, como numa romaria. Os bonnets vermelhos do nosso novo uniforme avistavam-se ao longe, em todos os carros. Ao longe pareciam uma festa alegre e afinal não era: tudo ia morto, fêdo, mscamburio...

Embrulhados nas nossas capas, olhámos para os caminhos. Tudo tão feio! muita fumaça negra e a terra molhada: tudo negro, fofo. As arvores dos lados, sem folhas, davam uma nota mais desagradavel ainda, lembravam-nos o inverno que chegava e o frio que tínhamos que sofrer.

O carro pegava e os outros formavam bicha. Os raros camégoneres que estavam pela estrada, cumprimos. E nós, transidos de frio, a ver a chuva recommear indistinctamente a fria, nem sequer arriscávamos falar. Só de quando a quando perguntávamos ao cocheiro alguma coisa.

— Ainda falta muito?

— Ainda é um bocinho, p'm. aspinante.

E dava-nos formosuras da villa, em voz baixa, onde havia bom vinho... como se faziam gaudes e a Briceira... Enfim, um bom rapaz, folgado e fazendo já a uma boa gargeta.!

E quando a chuva começou a cair com insistência acabou a conversa. Bom o café por sobre o bonneto, encolhidos, nós parecíamos mais uns melhos doentes que recolhiam ao hospital do que rapazes novos que iam a um brincinho proveitoso.

O Paul Loureiro, o mais bem disposto é que de quando em quando dizia umas coisas:

— Então ainda se não vê o carrilhão, oh cocheiro?

O cocheiro sorria. Isso de carrilhão era coisa muito fina! Até tocava musicas!... E custou bem boa maneira!...

De repente aparece, deante de nós, um muro, e por detrás desse muro uma matta escura, selvagem; era a celebre Tapada! Andavam lá javalis, veados, corças, artilhões, seguindo a lenda... E em tive vontade — ao ver aquellas arvores antigas que lembravam os gaudes do sr. D. João V — de

dizer como o Theodorico da Reliquia, tirando reverentemente o meu Kéji vermelho:

— P'ra que viva!

Mas não, eu era um aspirante que ia fazer Lincéio e não uma romaria. Deixei ficar o cajú e olhei para a mata, indiferente; e enquanto o carro seguia por meus olhos estrada ladeada de arvores e coberta de folhas secas, o Raul Loureiro ia esgoanando:

— O Sr. D. João V quando vinha caçar, mandava prender ás arvores os raios, não é verdade, oh cocheiro?...

O cocheiro, porém, não sabia historia; e como o Sis-lactea do beniculo limitava-se a encostar os hombros. E a chuva continuava a cair, a cair, molhando os coltões, as calças, as mantas que levávamos no carro. O estrado em Mafra era a coisa mais dessemelhante que poderia haver neste mundo; encolhidos, com frio, molhados e com fome! Era perfeitamente uma marcha para o asylo dos invalidos...

A isto passámos uma grande festa toda coberta de musgo secular, certamente; um forão carminoso, pintado de vermelho e for cima as arvores raras de D. João V. Sempre D. João V em toda a festa! Esta festa fechou-se mysteriosamente á nossa passagem e o carro continuou a rodar sobre as folhas secas das arvores que o vento d'inverno fizera cair.

Ouvi então o Loureiro que olhava para a esquerda
dizer com um ar esganteado:

— Uli! Tão negro!...

Olhei também. Estávamos em presença do con-
vento de Mafra, terra escura molle de pedra, d'es-
sa coroa bestialmente grande — e finalmente, gente
do carrilhão!

Passáramos junto da fachada norte, severa, ge-
rada, sem architectura, com uns cinco ⁽¹⁾ andares de
altura e cada andar com uma boa jarcão de metros.
Esperava admirar-me e não me admirei.

É simplesmente grande, burricamente grande
mas não tem nada de bello.

Depois do terraço norte, com a cantaria
já negra, e encontramos-nos em presença da pon-
taria de 260 metros ⁽²⁾ de comprimento, muito conhe-
cido pelas gravuras.

Um terraço de cada lado e ao centro a igreja, com
duas torres altas; e lá em cima... o decantado carri-
lhão!

Como já disse, não me admirei; não gostei, mes-
mo e esperava outra coisa de mais bello, mais artis-
tico. E a chuva continuava; o alto dos canelavários
não se via, encubertos como estavam e eu arre-
gici-me com a ideia do frio lá dentro. E quando o

⁽¹⁾ Foi outro engano de imaginação. O edificio naquella parte
só tem dois andares, embora tenha de altura 27 metros.

⁽²⁾ Outra illusão d'optica. O edificio tem no seu comprimen-
to 220 metros.

carro dobrou o terreno pul, vimos outra face do edificio idêntica, senão igual á do norte.

Tudo escuro como não se tendo lavado ha seculo e mais; e quando saltamos do carro e nos encontrámos num strip lagedo, um uma porta alta a puerer por renascença, tivemos a triste visão do que seria aquillo...

— É o carrilhão? arriscou o Loureiro.

— Deixa-te d'isso! dizia o Loureiro. Isso é só aos domingos.

E foi assim que fizemos a nossa entrada triumphal em Mapre, na Escola Pratica. Foi assim...

As portas vieram e eu subi, para tomar posse do quarto. Atravessai corredores, subi escadas e fui dar ao quarto 35, um pequeno quarto com 3 camas uma enorme janella, um grande armário e com as janelas de 1,20 de espessura... Uma cela, uma grisa, um deserro.

Sahi então e fui jantar. Sodici depois um quapri modo para fazer a digestão. Soltei ao quarto; e feitas as camas, arranjadas as portas, preparámos para deitar, quando se ouviu qualquer coisa... Escutámos... era o carrilhão, o celebre carrilhão do rei beato! Oh que consolação!

Já não dormis a primeira noite em Mapre sem ter ouvido o carrilhão, que renasceu depois de uns quolidios com a marcha da Aida!

Foi uma amabilidade de deus do rei "magnifico"...

É deitando-me, enquanto os rios absoavam os
ares, eu ouvi, de um condiscipulo, a lenda do carri-
hão, lenda que lhe contarei um dia, malgrem pitio
eu que não estiverem pancheras...

Deuira enfim, tocar os carrithões de Lisboa!

Meu caro: desculge. e mande euorena. etc, etc

— B. Lijáris

Do Porto - Ferreira:

Lisboa = 28 de maio, 1903.

Meu caro:

Dentro deste grande convento d' Bl-nay D. João V,
às onze horas da noite, e ouvindo a Philarmônica
da terra a ensaiar furiosamente a Baruer com
grande profusão de dissonancias e fífias, eu estou
a lembrar a minha viagem de Coimbra para aqui
na terça-feira, por um dia de calor e zoeira, num
nonicairo comboio mixto.

É lembro-me por uma causa curiosa e que me
vai contar enquanto a charanga vai martyri-
sando as 7 centenas de soldados que com certeza a
está hora querem dormir para poder, estirados nas
suas camas estreitas, de caserna.

Quando o comboio, dado o terceiro signal aba-

tem hoje linha fina, de estação de Coimbra, fare o
 real, em gergulei a mim mesmo se me tinha es-
 quecido d'algunha cousa.

Parecia-me que sim!... não tinha a carteira, mas
 alguevas-me, percorria os bolsos, remexia e remexia
 mas... "que diabo! faltô-me qualquer cousa!..." mas
 não atinava.

comecei a instalar-me no condegarimento, com
 as commodidades de quem faz umas viagens de 7
 horas seguidas; comecei a ler, ao passar
 do jantar, a minha terra em lindo amphitheatro,
 ao longe, inundada em luz; corri as cortinas do
 lado do sol e sentei-me tranquillamente, com o
 volume da Comendancia de Fradique Mendes e
 comecei a pensar em varias cousas, ao mesmo
 tempo que, machinalmente, lia o aviso aos pas-
 sageiros que ao chegar a Lisboa queirãem desembar-
 rar-se dos volumes de mão. Depois, abri o li-
 vro e comecei a ler onde deixara um retrato da
 Cavaliere.

Fradique era natural dos Açores...

Nisto, assaltô-me sobrevey a ideia de que me
 faltava qualquer cousa. Que diabo! comecei a pensar
 e a relaxar... A mala, a algada, a caixa, o relo-
 gio, tudo ia comigo; e eu ia a sentir em mim
 um não sei quê que me dizia ter esquecido qual-
 quer cousa... que me dizia ter deixado em casa
 o que devia trazer.

Procurei prender a attenção á figura tyfica de

Frédérique Mendes enquanto o comboio passava
ronceiro pelas lindas farras do Mondego através
de alas de palmeiras e chouros verdes, e esquecer a
ideia de que alguma coisa me faltava.

De quando a quando chegava à janela; lá está-
vam os estensos campos verdejantes; ao longe o
Bussaco; e mais adiante o Barcelo cheio de jir-
caros agrestes. Depois, Monte-mór e as vinhas do
Dr. Thomaz de Barros... mas, quando me senta-
va com o livro, para ler, fixava sem querer o olhar
no meu pente, mergulhava a cabeça, apreciando
a comodidade de ficarem com os cabelos
por um instante, quando me acordava... O calor era
grande e eu, sem querer, procurava a posição hori-
zontal, quasi instinctivamente; e depois a mais
favorecida pela vontade de dormir.

Depois, no camarão, não ia ninguém. Se
tivesse camarões de viagem, sempre havia algu-
mas coisas que fazer: analysal-os; examinal-os bem
dos pés á cabeça; obrigal-os a olhar para mim, descon-
fiados; falar-lhes mesmo sem bocejo e mesmo até
se preciso fosse, dispendial-os... Mas nem isso!...

E novamente tentei a leitura. Frédérique Men-
des era um typo curioso, bem curioso. Procurava
ver a intenção do Es, ao escrever aquelle livro; im-
vejava as viagens do seu heroe; imaginava — como
bem meridional — os seus amores, até os mais ba-
ras; mas ao acamhar Frédérique, agostolando
o "bobismo" pela Paris em Jussara:

— Mas que diabo foi que me esqueceu?

E abalço os bolsos; tirei a carteira para ver se me tinha esquecido o bilhete; e nada! não me lembrava do que seria.

De novo voltei ao D. Fradique; chamei-lhe "felição!" quando lia os seus ameros românticos com a russa Libuska e invejei-o, francamente... E quando a noite chegou e que eu deixei de ler, tinha concluído quasi o livro e o comboio ainda ia nas alturas de Leiria! Divisei o castello, ao longe, no alto d'uma collina isolada, com os muros quasi derrocados, semelhante um esqueleto. Depois, segui o comboio por entre innumeros pinheiros sem fim, escuros e tristes.

Ao longe reluzjavam, deixando ver e extensas negros dos pinhaes antigos; e eu, encostado, lia pela centésima vez que os Sr. Passageiros que na estação do Póio queiram desembarcar-se dos volumes de mão... etc, etc. uma massada.

Puxei do relógio: 7 horas e mais! faltavam por consequencia 3 horas e mais para aquelle rouceiro comboio meixto chegar á estação de Mespra. E goscurei pensar ao mesmo no Fradique Mendes para não pensar em qual seria a coisa que tinha esquecido em Coimbra que tanto me preocupava e grandia a attenção.

O comboio lá foi descendo; mas baldas tomei uma cerveja, servida por uma linda rapazinha morena, d'olhos negros, e que não teve força para

abrir a garrafa com o pé da botina. Fui em seu auxilio; jurei pelo pé da botina; surtiu o estalo do costume e eu bebi a cerveja. O rapazinho calcava um pedaço de veniz, catita; e de novo me amaldiçoou a ideia: que foi que me esqueceu?

É quando do novo na carruagem eu esperava conscientemente a chegada do Mapa, comecei a pensar, a pensar... Era ainda a ideia de que alguma coisa que me fazia falta me esquecera em Coimbra, sem querer... E o letreiro, em frente, fixava-me tenazmente.

Mas, enfim, o comboio chegou à estação; chovia, trovejava e fazia uma ventania enorme. Exigiam-me um carro fechado; e ali vou eu pela estrada quasi nua, surtindo a chuva bater nos vidros e os cavallos a chafinchar nas laias. Os relanzagos precediam-me; o céu agarecia de varias côres como nunca magica e eu ia-me deixando vencer pelo pomuro através das duas leguas do caminho, para o convento.

Dava meia-noite na Torre Norte quando passava junto do terreão; o carro parou á porta do quartel e a portinella, porventura, la abriu vagarosamente a porta. O official da guarda, um arfanente, passava nesse momento ronda ás portinellas, embutido no cofote; e quando, com uma mala em cada mão eu ia pelos corredores enormes e silenciosos para o meu quarto, senti uma luz no arfanite!

Guari dai um grilo: "esquecere-me mandar
fazer umas botas de folhamento!..."

... Aqui está porque os palafiteiros, às vezes, se
têm tornado celebres neste mundo...

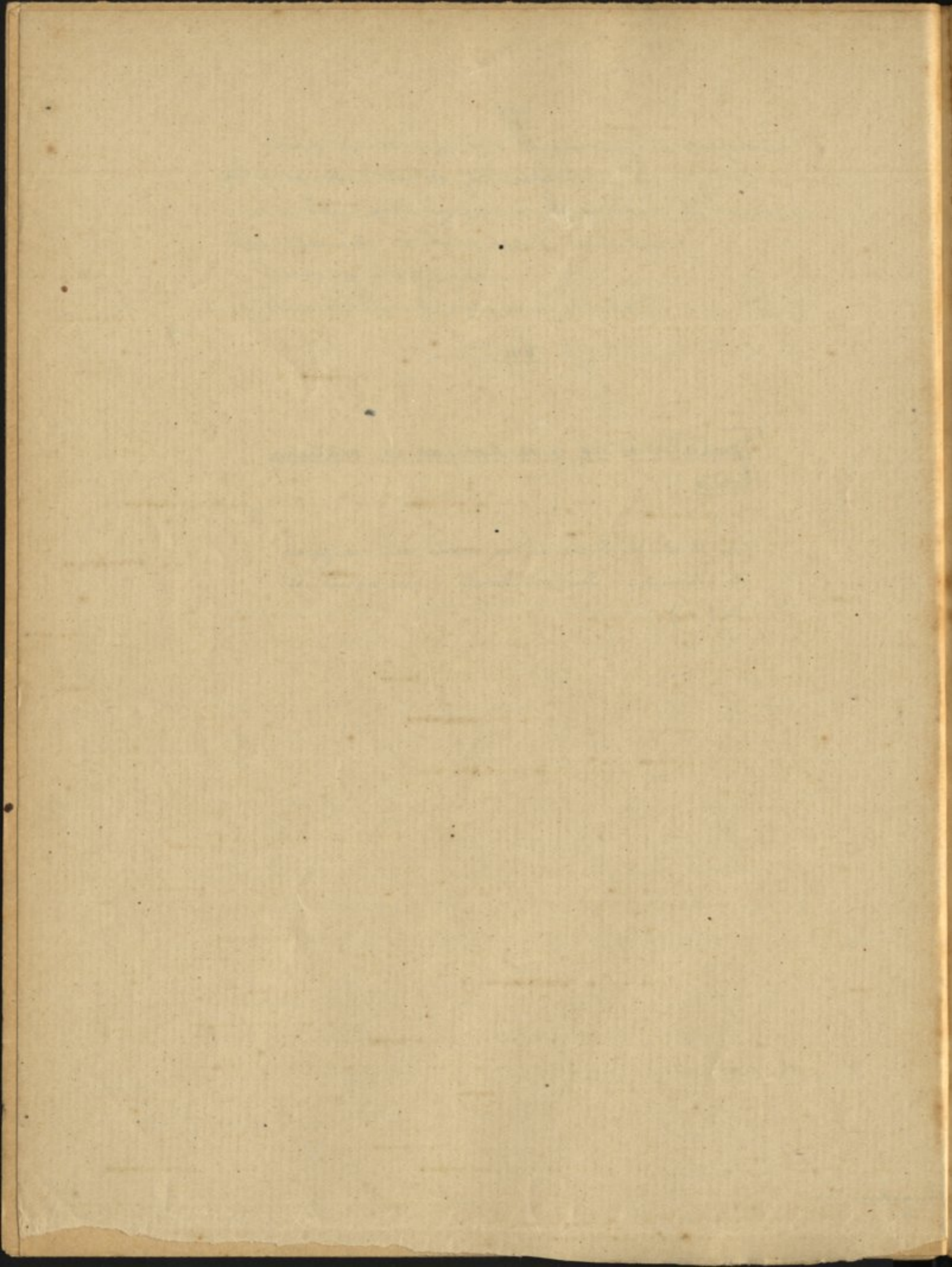
Deseulge a estôgada.

Um direço do seu amigo, ed

B. L. C.

VIIITentativa de um romance naturalista...

(na Escola do Exército, no verão, em resoluções de exames... Que estudante é que romancista!...)



I

A campainha electrica da porta da entrada, tinha acabado de tocar devagarinho, ja com pouca força. Alberto, que estava voltado para a janela, em si, roendo as unhas seguindo o costume habitual e olhando vagarosamente pelas rendas das cortinas para o luar, voltou-se para a mulher.

— Deve ser o Eduardo, disse; contado, nunca faltá ao prometido.

O Eduardo tinha ja entrado na sala e curulri-mealhava; pegou desculpa de vir tarde, de esquecer-se contra vontade, tivera que fazer na officina, e depois — concluiu — estes operarios, estes operarios! Ganham um dinheirão e a gente é que faz o serviço por elles!

— Está tudo assim, está tudo assim, dizia D. Esther lá do canto, torcendo os dedos; e então as credas?

— Ué, ui! não fale nisso! E eu tenho lá um homenageminho... Jesus! Foi o maroto do Jirón, o Henri que... não podia dizer que não... e lá está! — E concluiu fazendo uma careta: tudo uma careta!

A casa em que estavam era uma sala, mais ou

meios acanhada, derras caras vulgares de arreuda-
mento que se veem por todas as ruas de Lisboa:
umas janelas de varanda coberta com umas rendas
de crochet e uns registeiros de rezo escuro, deitava
para a rua onde se ouvia o gregão de um galego com
um barril de agua ao hombro. Pelas janelas, ferra-
das a gafel viam-se armas gubilicas, lanças, dan-
dos, arcos, setas; pratos das Baldas, umas sandalias
do rellão de Zanzibar, uns diifomas da Sociedade
de Geographia e do Instituto de Coimbra, umas oleo-
graphias baixas com malduras douradas cobertas
de gô na parte superior; umas ferraduras com uns te-
ciños de seda, uns retratos — e outras cousas em
que se via bem o génio curioso do dono da casa.

O Eduardo, entrando, via a sala completamente
nua, sem nada de mobilia que a acompanhava antee-
dentemente.

— Que era aquillo, que vinha a ser? perguntava.

Ora o que havia de ser! O talgê estava roto e ia
já oleado novo, dizia o Alberto. Que o chamára para
o ajudar nesse trabalhinho... hein? caudava por-
riudo.

— Tamos a isso, vamos a isso! E o oleado era bo-
reitô, dizia o Eduardo, era mesmo chic, umas flo-
res, umas folhas... muito bom gosto, sim senhor...

E, repentinamente, mudando de converso:..

— Então o Brian, tem agradeido?

Não, que não; ha uns dias que não era visivel;
tem um polvinhito doceito, coitado, mas tem agradei-

do. Talvez logo venha a Jariáda, desferriam-se dos 2:500 de outubro dia...

E viram-se. Os trabalhos começaram; o Eduardo desfiou o gardessous escuro, tirou um lenço do grande bolso inferior e mettem-o no das calças. Alberto, fumando constantemente cigarros sobre cigarros e resuscitando umas valsas por entre os dentes, começou a estender o oleado no chão e começaram a gragal- avidadosamente, grigo por grigo.

Os dois, acocorados, foliavam jouco; de quando a quando diziam uma coisa banal, insulsa, para alguma coisa dizerem. Só se ouvia o bater do martello sobre os frequitos pequenos amarellados e lá fora a passagem dos carros para o hospital ou o troté das mulas que iam render-se á estação de incendios proxima. Uns canarios belgas cantavam alegremente numa gaiola pendurada numa mão de uma janela proxima e o sol que dava de lado nos vidros vi-nha dar vida a uma pensivina, posta numa varr, fragrinha, muito rachibica. O galego da agua cambiava-se a berran, fazendo o seu gragão característico e lá mais a baixo, no Intendente, sentia-se os agitos dos condutores d'americanos dando o signal da Jariáda. E o trabalho continuava.

— Si houtem ter sobrinho. Estava a fazer memoria a uma jejeira... — E continuou ordosamente, aborrecido: é um rapazão, e bom rapaz... não ha duvida... Sim senhor, sabe ao Tio...

O Alberto sorrio-se maliciosamente; mas a mu-

hier, mais curiosa, perguntou quem era a gogona, onde morava, se era bonita...

O Eduardo não sabia tanto; que era uma rapariga nova, era; agora, se era bonita... e concluiu encostando os hombros e distendendo o labio inferior: não sei!

E assim se entretiveram toda a tarde; quasi ás horas do jantar a campainha tocou novamente:

— É o Bernardino, disseram todos.

E era verdade. A porta abriu a porta, e entrou um rapaz novo, com afeição de vigoroso, fardado com o uniforme de Escola do Exército, com a calça aos hombros, luva branca, barbeado. Bemfizeram todos consequentemente.

— Muito boas tardes, muito boas tardes... E me, Eduardo, como está... É vendo aquella mudança na pele, a afecção do oleado, não se: então fazem de operários? economia, economia...

— Não há remédio, não há remédio, diz o Eduardo; os tempos não são e o dinheiro é pouco...

— É verdade, é, regeia Bernardino, lembrando-se que no ultimo grat tinha recebido uma bagatela

— é verdade, o dinheiro é pouco... e depois — com um sorriso — os deveres não são tantos!...

E ao mesmo tempo que junta a calça e o kedi sobre um sofá do quarto contíguo e tirava as luvas, ia olhando com ironia para os dois, acocorados no chão, ziguezando o oleado facientemente.

— Então o que há de novo? muito frio... e hoje

estêve um dia bonito, realmente. Se não fosse a
quieira ... era um dia de primavera.

E o Henrique, limfangando o pauze de um dedo
que feria com um grão, ia refletindo com um cigu
no ao canto da bocca

— Sim senhor, sim senhor ... um dia bonito ...

O Bernardino ia olhando para tudo com um cer
to ar de curiosidade zorque, dizia elle, queria fazer
um romance naturalista baseado na observação dos
factos que se davam e que elle via na sociedade que
frequentava. Por isso olhava sempre para tudo com
avidéz e ventade e ia assim colligindo um certo
numero de cousas que a dar credito nelle, eram o
sufficiente para um grande romance à la de
Lucien, como elle zombarosamente dizia. A verdade
foi que, é que nunca se resolveu a começar a sua
obra e com um certo desdém via alguns volumes
publicados com a mesma intenção litteraria. E res
zandis sempre com a sua formula habitual, com
um outher rajado de honubros

— Isso é uma leria!

Alberto levantou-se e disse triumphantemente:
zomest! E o Eduardo confirmava, do lado

— É verdade, zomestinho! ... Fica mesmo um
trabalhinho ao zubar da zava ...

O Alberto é que queria explicar tudo; dizia elle:

— Se chamasse uns operários, levavam-me um
dinheirão, estavam para ali um ou dois dias e no
fim ficava uma zarcaria, mesmo uma zarcaria. E

assim, othem, — e Jazeava jaz ciuma do oleado —
 não faz nenhum fole, parece corrido a ferro...

— É verdade, é verdade! confirmávamos todos; e o
 Eduardo acrescentava: muito perfeito, muito perfei-
 to! Lá está apanha e um faz tudo! elle faz gaiolas
 para canários — e costava pelos dedos — elle faz ca-
 ximbas para dormineiros, elle... em rei lá! elle faz tudo
 e... muito bem feito.

E acrescentava com uma zambadinha nas costas:
 — Sen. Alberto! sen. Alberto!...

Alberto deitara o cigarro fóra e disse

— Vamos ao jantar!

E foram todos. Zelo estreito correder, que cederia
 á palla de mesa com essa vontade gregaria de quem
 ás 5 horas da tarde se sentia só com um almoço.

A rosa já estava na mesa, numes terrina, deitan-
 do fumo e um cheiro agradável e quente; no cen-
 tro, um grande ramo de rosas que viera de uma
 quinta que Alberto tinha no Seixal; e fazendo jor-
 dant duas travessas gregarias com crème, davam
 um cheiro curioso, misturado ao da rosa.

A mãe de D. Esther, e D. Paschoa servia os pratos,
 colada; e as Jessoas em volta, ante-gosando o gra-
 zar de comer, jenuariavam mudos, serios, nas
 suas cadeiras de noqueira talhada.

Comensou-se Jauco; o Bernardino arriscava
 de quando a quando umas Jerguês acerca das Jo-
 soas que lá iam Jassar a noite.

Elle bem sabia fazer o ferguentave...

— Estou a ver que fiz mal em não trazer o meu dolman rico...

— Não! disse a Tia — tudo gente de confiança. Tem a família aqui do Sr. Eduardo, e do Margal, a Emília Braga, a gente do costume. Estás muito bem assim, não são de cerimoniaes.

O jantar comeu-se, á calada. E a conuvinha tocou novamente.

— O Sr. Dr. Hilio! annunciou a creche.

O Hilio tinha entrado e ao ver o oleado novo disse lá do fundo do corredor:

— Bravo ao artista! bravo ao artista!

Mas o Eduardo reclamava a sua parte nos elogios e qual o Dr. Hilio tinha chegado á festa, riendo exclamou logo:

— Diga antes: bravo aos artistas!

O doutor conuvinentave todos e sentou-se ao pé do Alberto

— Então que news tu cá fazer?

— Tenho beber-te um chavona de café. E voltando-se: então Sr. D. Paschoa, como tem passado?

— Assim, assim... Um pouco de azia, dâres de cabeça... é a velhice, Sr. Doutor, é a velhice.

— Tem combinado com a agua das Lombadas? Olhe que são muito boas.

E depois para Bernardino:

— Não hebreu á noite, parece que falando em cousas perias...

Bernardino correu ; bem sabia que elle o vira na
rua dos Cavalleiros, falando para umos janelle, na
noite antecedente.

— Isso foi enganar, sr. Dr.

— Vê, minha Senhora ? eu não dizia ? Ainda de-
pois lhe disse o mesmo... arriscou o Eduardo. Pois
eu ainda digo mais : ouvi o que elles diziam !

— Isso é que não, sr. Eduardo !

— Olhe que eu digo...

— Diga, diga ! disseram todos.

— Pois então ahí vai : o sr. voltado para cima es-
tava a dizer : "então julgas que eu te esquecerei ?" E
la respondeu : "o quê ? então és capaz de rasar com
meigo ?" E aqui vai o final : "ora se pou ! até de mi-
to mais !" — Depois, como ia descendo, não ouvi o
resto.

Todos se riram muito e nomearam o Eduardo
para gloria do Bernardino.

— Folia secreta, dizia, sobisfeito pela honra.

O Bernardino correu novamente porque aquillo
era verdade. Elle dissera aquillo mesmo, na verda-
de, por debaixo da janelle, embucado na casa, em-
quanto o elevador da Graça subia e descia cheio de
gente, os carros e carroças passavam e os soldados
dos quartéis da Graça e Pousa iam subindo, para o
recolher, esgantados por verem ali um arfante a
manuear !

— Mas quem virá e por essa menina tão feliz ?
perguntava Esther.

— Quem era, quem viria a ver! Sua zangueira! Isso é curiosidade de mulher, umas das muitas maldades com que Eva sahio do Paraizo. São cousas que não se zangueiram — dizia o Abilio, bebendo um calix de Benedicta. Deixar o coração livre, é vaidade!

— Sem toques de alvorada nem recolher, comen-
tou o Bernardino.

— Sem mais nem menos. É verdade, não vas
amanhã à Bohéme?

— É zangueira, vamos a ver. Talvez tenha que fazer
suas redações...

E o converso continuou mais animado acerca
de theatros.

Bernardino zangueira calado, olhando o relógio,
constantemente, um relógio de parede com doura-
dos em volta, e com um quadrante branco, brilhante.
Estava indignado; queria ir à rua dos Cavalleiros,
tinha zangueira... e não queria faltar. Os meus
tempos não queria falar, tinha acanhamento, zangueira
julgar que tinha zangueira de se ir embora, por estar mas
sado e não sabia que zangueira dar.

Se dissesse que tinha que estudar para o dia se-
guinte ninguém o acreditava, todos sabiam que elle
era um cábula. Dizendo que ia deitar uma carta
no correio, ao Pólis, era logo agarrado porque no
marco de sua chova de Palms tiravam as cartas ás 7
horas e meia da noite...

Uisto, levantaram-se; e Bernardino, depois, me
sella, não achava zangueira para sair e olhava para

Tudo que estava nas janelas, com as mãos atrás das costas, indiferente.

Olhava para um retrato de um general, velho, e ao lado a uma bengala, feita com madeira, muito branca, com o feio cheio de medilhas: era um ascendente de D. Estor. Depois via uns jarros de China, altos, com muitas flores, bonitos e elegantes; um jogo de porcelana, estendida no chão, calças bem conservadas, e os olhos vidros, sem expressão, fitando o espaço; um jogo de nozes, escura, com ferro vermelho; uma mesa com retratos em gassejantouts em cima de livros bem encadernados, o Dr. Hilário, o bispo D. Antonio, o Gabriel Correia irmão de Alberto e o irmão, o jogo de Bernardino e outros retratos de famílias e indivíduos.

Fia tudo como se fosse coisa nova para elle e tocava os dedos. Puzo ao acaso alguns musica que estava em cima do piano e viu a walsa Sobre o Tejo. O Eduardo que estava atrás d'elle, viu-a e disse logo como quem ia dizer uma coisa importante:

— É muito linda, essa walsa. Minha filha toca-a no bandolim, faz muito bonito effeito.

Bernardino, aborrecido, teve um certo desgosto por aquella opinião musical tão afincada; no entanto quiz-mostrar-se atencioso, e explicou, citando:

— É realmente bonito. É feita segundo a escola wagnerista. É a mesma musica que se toca em Berlim...